

QUEM CONTA UM CONTO...
E OUTROS CONTOS

**MACHADO DE ASSIS
ALUÍSIO AZEVEDO
ARTUR AZEVEDO
LIMA BARRETO**

**Quem conta um conto...
e outros contos**

**Seleção e notas
INÊS ACHCAR
FRANCISCO ACHCAR**

**CERED
Editora SOL
São Paulo 1998**

São Paulo 1998

ÍNDICE

<i>Artur Azevedo</i>	7
PLEBISCITO	9
UM CAPRICHIO	13
<i>Aluísio Azevedo</i>	21
O MACACO AZUL	23
POLÍTIPO	31
<i>Machado de Assis</i>	39
QUEM CONTA UM CONTO...	41
I	41
II	42
III	44
IV	46
V	48
VI	50
VII	53
VIII	55
IX	58
X	61
BRINCAR COM FOGO	63
1	63
2	64
3	67
4	70
5	73
6	76
<i>Lima Barreto</i>	79
A CARTOMANTE	81
QUASE ELA DEU O “SIM”, MAS... ..	84
O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS	92

Artur Azevedo

ARTUR AZEVEDO

Artur Azevedo (1855-1908), irmão do também escritor Aluísio Azevedo, é considerado o grande autor de comédias para teatro do século passado. Suas peças, maliciosas e sarcásticas, criticavam principalmente a sociedade carioca e a política da época.

Além de peças, escreveu pequenos contos de humor, como os que você irá ler.

Junto com Machado de Assis, de quem foi chefe no Ministério da Agricultura, fundou a Academia Brasileira de Letras em 1896.

PLEBISCITO

Artur Azevedo

Acena passa-se em 1890.

A família está toda reunida na sala de jantar.

O senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado¹ numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abade.

Dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canário belga.

Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ela distrai-se a olhar para o canário. Ele, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias.²

Silêncio.

De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:

— Papai, que é plebiscito?

O senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente para fingir que dorme.

O pequeno insiste:

— Papai?

Pausa:

— Papai?

Dona Bernardina intervém:

1 *Repimpado*: de barriga cheia, farto, satisfeito.

2 *Folha diária*: jornal.

— Ó seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando.³ Não durma depois do jantar que lhe faz mal.

O senhor Rodrigues não tem remédio senão abrir os olhos.

— Que é? Que desejam vocês?

— Eu queria que papai me dissesse o que é plebiscito.

— Ora essa, rapaz! Então tu vais fazer doze anos e não sabes ainda o que é plebiscito?

— Se soubesse não perguntava.

O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola:

— Ó senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito!

— Não admira que ele não saiba, porque eu também não sei.

— Que me diz?! Pois a senhora não sabe o que é plebiscito?

— Nem eu, nem você; aqui em casa ninguém sabe o que é plebiscito.

— Ninguém, alto lá! Creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!

— A sua cara não me engana. Você é muito prosa. Vamos: se sabe, diga o que é plebiscito! Então? A gente está esperando! Diga!...

— A senhora o que quer é enfezar-me!

— Mas, homem de Deus, para que você não há de confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. Já outro dia foi a mesma coisa quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, e o menino ficou sem saber!

— Proletário, acudiu o senhor Rodrigues, é o cidadão pobre que vive do trabalho mal remunerado.

— Sim, agora sabe porque foi ao dicionário; mas dou-lhe um doce, se me disser o que é plebiscito sem se arredar dessa cadeira!

3 Repare que a personagem, exprimindo-se conforme a fala popular da época, emprega o pronome oblíquo *lhe*, indireto, em lugar de *o*, direto: “Manduca está *lhe* chamando”, em vez de “*o* está chamando”. O mesmo uso é comuníssimo hoje em várias regiões do país.

— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridículo na presença destas crianças!

— Oh! Ridículo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: — Não sei, Manduca, não sei o que é plebiscito; vai buscar o dicionário, meu filho.

O senhor Rodrigues ergue-se de um ímpeto e brada: —Mas se eu sei!

— Pois se sabe, diga!

— Não digo para me não humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! Vá para o diabo!

E o senhor Rodrigues, exasperadíssimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vai para o seu quarto, batendo violentamente a porta.

No quarto havia o que ele mais precisava naquela ocasião: algumas gotas de água de flor de laranja e um dicionário...

A menina toma a palavra:

— Coitado de papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dizem que é tão perigoso!

— Não fosse tolo — observa dona Bernardina — e confessasse francamente que não sabia o que é plebiscito!

— Pois sim — acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntário de toda aquela discussão; ~- pois sim, mamãe; chame papai e façam as pazes.

— Sim, sim, façam as pazes! — diz a menina em tom meigo e suplicante. — Que tolice! duas pessoas que se estimam tanto zangarem-se por causa do plebiscito!

Dona Bernardina dá um beijo na filha, e vai bater à porta do quarto:

— Seu Rodrigues, venha sentar-se; não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente. Ele entra, atravessa a casa, e vai sentar-se na cadeira de balanço.

— É boa! — brada o senhor Rodrigues depois de largo silêncio.

— É muito boa! Eu, eu ignorar a significação da palavra plebiscito!
Eu!...

A mulher e os filhos aproximam-se dele.

O homem continua num tom profundamente dogmático:

— Plebiscito...

E olha para todos os lados a ver se há por ali mais alguém que possa aproveitar a lição.

— Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecido em comícios.

— Ah! — suspiram todos, aliviados.

— Uma lei romana, percebem? E querem introduzi-la no Brasil!
É mais um estrangeirismo!....

Contos fora da Moda (1895), Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

UM CAPRICHIO

Artur Azevedo

Em Mar de Espanha¹ havia um velho fazendeiro, viúvo, que tinha uma filha muito tola, muito mal-educada, e, sobretudo, muito caprichosa. Chamava-se Zulmira.

Um bom rapaz, que era empregado no comércio da localidade, achava-a bonita, e como estivesse apaixonado por ela não lhe descobria o menor defeito.

Perguntou-lhe uma vez se consentia que ele fosse pedi-la ao pai.

A moça exigiu dois dias para refletir.

Vencido o prazo, respondeu:

— Consinto, sob uma pequena condição.

— Qual?

— Que o seu nome seja impresso.

— Como?

— É um capricho.

— Ah!

— Enquanto não vir o seu nome em letra redonda, não quero que me peça.

— Mas isso é a coisa mais fácil...

— Não tanto como supõe. Note que não se trata da sua assinatura, mas do seu nome. É preciso que não seja coisa sua.

Epidauro, que assim se chamava o namorado, parecia não ter

1 *Mar de Espanha*: cidade-município e comarca do estado de Minas Gerais, na zona cafeeira da Mata.

compreendido. Zulmira acrescentou:

— Arranje-se!

E repetiu:

— É um capricho.

Epidauro aceitou, resignado, a singular condição, e foi para casa.

Aí chegado, deitou-se ao comprido na cama, e, contemplando as pontas dos sapatos, começou a imaginar por que meios e modos faria publicar o seu nome.

Depois de meia hora de cogitação, assentou em escrever uma correspondência anônima para certo periódico da Corte,² dando-lhe graciosamente notícias de Mar de Espanha.

Mas o pobre namorado tinha que lutar com duas dificuldades: a primeira é que em Mar de Espanha nada sucedera digno de menção; a segunda estava em como encaixar o seu nome na correspondência.

Afinal conseguiu encher duas tiras de papel de notícias deste jaez!³

"Consta-nos que o Rev.^{mo} Padre Fulano, vigário desta freguesia, passa para a de tal parte."

"O II.^{mo} sr. dr. Beltrano, juiz de direito desta comarca, completou anteontem 43 anos de idade. S. S.a, que se acha muito conservado, reuniu em sua casa alguns amigos."

"Tem chovido bastante estes últimos dias" etc.

Entre essas modestas novidades, o correspondente espontâneo, depois de vencer um pequenino escrúpulo, escreveu:

"O nosso amigo Epidauro Pamplona tenciona estabelecer-se por conta própria."

Devidamente selada e lacrada, a correspondência seguiu, mas...

Mas não foi publicada.

2 *Corte*: O Rio de Janeiro, na época do Império.

3 *Jaez*: qualidade, espécie

O pobre rapaz resolveu tomar um expediente⁴ e o trem de ferro. “À Corte! à Corte!”, dizia ele consigo; ali, por fás ou por nefas,⁵ há de ser impresso o meu nome!”

E veio para a Corte.

Da estação central dirigiu-se imediatamente ao escritório de uma folha diária, e formulou graves queixas contra o serviço da estrada de ferro. Rematou dizendo:

— Pode dizer, sr. redator, que sou eu o informante.

— Mas quem é o senhor? perguntou-lhe o redator, molhando uma pena; o seu nome?

— Epidauro Pamplona.

O jornalista escreveu; o queixoso teve um sorriso de esperança.

— Bem, se for preciso, cá fica o seu nome.

Queria ver-se livre dele; no dia seguinte, nem mesmo a queixa veio a lume.

Epidauro não desesperou.

Outra folha abriu uma subscrição não sei para que vítimas; publicava todos os dias a relação dos contribuintes.

— Que bela ocasião! — murmurou o obscuro Pamplona.

E foi levar cinco mil-réis à redação.

Com tão má letra, porém, assinou, e tão pouco cuidado tiveram na revisão das provas, que saiu:

Epifânio Peixoto..... 5\$000

Epidauro teve vergonha de pedir errata, e assinou mais 2\$000.

Saiu:

“Com a quantia de 2\$, que um cavalheiro ontem assinou, perfaz a subscrição tal a quantia de tanto que hoje entregamos etc.

4 *Tomar um expediente*: tomar uma atitude.

5 *Por fás ou por nefas*: por todos os meios.

Está fechada a subscrição."

Uma reflexão de Epidauro:

Oh! Se eu me chamasse José da Silva! Qualquer nome igual que se publicasse, embora não fosse o meu, poderia servir-me! Mas eu sou o único Epidauro Pamplona...

E era.

Daí, talvez, o capricho de Zulmira.

Uma folha caricata costumava responder às pessoas que lhe mandavam artigos declarando os respectivos nomes no expediente.

Epidauro mandou uns versos, e que versos! A resposta dizia: "Sr. E. P. — Não seja tolo."

Como último recurso, Epidauro apoderou-se de um queijo de Minas à porta de uma venda e deitou a fugir como quem não pretendia evitar os urbanos,⁶ que apareceram logo. O próprio gatuno foi o primeiro a apitar.

Levaram-no para uma estação de polícia. O oficial de serviço ficou muito admirado de que um moço tão bem trajado furtasse um queijo, como um reles larápio.

Estudantadas... refletiu o militar; e, voltando-se para o detido:

— O seu nome?

— Epidauro Pamplona! — bradou com triunfo o namorado de Zulmira.

O oficial acendeu um cigarro e disse num tom paternal:

— Está bem, está bem, sr. Pamplona. Vejo que é um moço decente... que cedeu a alguma rapaziada.

Ele quis protestar.

— Eu sei o que isso é! — atalhou o oficial. — De uma vez que

6 *Urbanos*: guardas.

saí de súcia⁷ com uns camaradas meus pela Rua do Ouvidor, tiramos à sorte qual de nós havia de furtar uma lata de goiabada à porta de uma confeitaria, já lá vão muitos anos.

E noutro tom:

— Vá-se embora, moço, e trate de evitar as más companhias.

— Mas...

— Descanse, o seu nome não será publicado.

Não havia réplica possível; demais, Epidauro era por natureza tímido.

O seu nome, escrito entre os dos vagabundos e ratoneiros,⁸ uma arma poderosíssima que forjava contra os rigores de Zulmira; dir-lhe-ia:

— Impuseste-me uma condição que bastante me custou a cumprir. Vê o que fez de mim o teu capricho!

Quando Epidauro saiu da estação, estava resolvido a tudo!

A matar um homem, se preciso fosse, contanto que lhe publicassem as dezesseis letras do nome!

Lembrou-se de prestar exame na Instrução Pública.

O resultado seria publicado no dia seguinte.

E, com efeito, foi: “Houve um reprovado.”

Era ele!

Tudo falhava.

Procurou muitos outros meios, o pobre Pamplona, para fazer imprimir o seu nome; mas tantas contrariedades o acompanharam nesse desejo que jamais conseguiu realizá-lo.

7 *Sair de súcia*: sair junto com grupo formado por pessoas de má índole e/ou mal-afamadas.

8 *Ratoneiro*: ladrão que faz pequenos furtos.

Escusado⁹ é dizer que nunca se atreveu a matar ninguém.

A última tentativa não foi a menos original.

Epidauro lia sempre nos jornais:

“Durante a semana finda, S.M. o Imperador foi cumprimentado pelas seguintes pessoas etc.”

Lembrou-se também de ir cumprimentar Sua Majestade.

“Chego ao paço”, pensou ele, “dirijo-me ao Imperador, e digolhe:— Um humilde súdito vem cumprimentar Vossa Majestade — e saio”.

Mandou fazer casaca: mas, no dia em que devia ir a S. Cristóvão,¹⁰ teve febre e caiu de cama.

Voltemos a Mar de Espanha:

Zulmira está sentada ao pé do pai. Acaba de contar-lhe a condição que impôs a Epidauro. O velho fazendeiro ri-se a bandeiras despregadas.¹¹

Entra um pajem.

Traz o *Jornal do Comércio*, que tinha ido buscar à agência de correio.

A moça percorre a folha, e vê, afinal, publicado o nome de Epidauro Pamplona.

— Coitado! — murmura tristemente, e passa o jornal ao velho.

— É no obituário:

“Epidauro Pamplona, 23 anos, solteiro, mineiro. — Febre perniciosa.”

O fazendeiro, que é estúpido por excelência, acrescenta:

— Coitado! Foi a primeira vez que viu publicado o seu nome.

9 *Escusado*: desnecessário.

10 *S. Cristóvão*: bairro do Rio de Janeiro onde ficava o paço — o Palácio Imperial.

11 *Rir-se a bandeiras despregadas*: rir muito

Aluísio Azevedo (1857-1913), irmão de Artur Azevedo, escreveu histórias que denunciavam problemas da sociedade brasileira, como o racismo e a exploração da miséria. Seu melhor romance é *O Cortiço* — um grande quadro da vida cotidiana numa habitação coletiva, no Rio de Janeiro do fim do século passado. É uma vivíssima narrativa feita de muitas histórias de muitas pessoas pobres, com seus trabalhos, suas brigas, suas festas, seus amores e seus ódios. E, fora do cortiço e dentro dele, os exploradores desse mundo de pobreza e trabalho.

Apesar de ser mais conhecido como um autor de livros sérios, ele também escreveu textos humorísticos, que retratam tipos exagerados, caricaturais, como as personagens dos dois contos que você irá ler.

Depois de enfrentar muitas dificuldades em sua tentativa de sobreviver como escritor, Aluísio de Azevedo resolveu, aos trinta e oito anos de idade, dedicar-se à diplomacia e não escreveu mais contos nem romances, até a sua morte, aos 55 anos.

O MACACO AZUL

Aluísio Azevedo

Ontem, mexendo nos meus papéis velhos, encontrei a seguinte carta:

“Caro senhor,

Escrevo estas palavras possuído do maior desespero. Cada vez menos esperança tenho de alcançar o meu sonho dourado. — O seu macaco azul não me sai um instante do pensamento! É horrível! Nem um verso!

Do amigo infeliz
Paulino.”

Não parece um disparate este bilhete?

Pois não é. Ouçam o caso e verão!

Uma noite — isto vai há um bom par de anos — conversava eu com o Artur Barreiros no largo da Mãe do Bispo, a respeito dos últimos versos então publicados pelo conselheiro¹ Otaviano Rosa, quando um sujeito de fraque cor de café-com-leite veio a pouco e pouco aproximando-se de nós e deixou-se ficar a pequena distância, com a mão no queixo, ouvindo atentamente o que conversávamos.

— O Otaviano — sentenciou o Barreiros — o Otaviano faz magníficos versos, lá isso ninguém lhe pode negar! Mas, tem paciência! O Otaviano não é poeta!

1 *Conselheiro*: título honorífico no tempo do Império.

Eu sustentava precisamente o contrário, afirmando que o aplaudido Otaviano fazia maus versos, tendo aliás uma verdadeira alma de poeta, e poeta inspirado.

O Barreiros replicou, acumulando, em abono da sua opinião, uma infinidade de argumentos de que já me não lembro.

Eu trepliquei firme, citando os alexandrinos² errados do conselheiro.

O Barreiros não se deu por vencido e exigiu que eu lhe apontasse alguém no Brasil que soubesse arquitetar alexandrinos melhor que S. Ex..

Eu respondi com esta frase esmagadora: — Quem? Tu!

E acrescentei, dando um piparote na aba do chapéu e segurando o meu contendor³ com ambas as mãos pela gola do fraque:

— Queres que te fale com franqueza?... Isto de fazer versos inspirados e bem feitos; ou, por outra: isto de ser ou não ser poeta, depende única e exclusivamente de uma coisa muito simples...

— O que é?

— É ter o segredo da poesia! Se o sujeito está senhor do segredo da poesia, faz, brincando, a quantidade de versos que entender, e todos bons, corretos, fáceis, harmoniosos; e, se o sujeito não tem o segredo, escusa⁴ de quebrar a cabeça, pode ir cuidar de outro ofício, porque com as musas⁵ não arranjará nada que preste! Não és do meu parecer?

— Sim, nesse ponto estamos de pleno acordo, conveio o Barreiros. Tudo está em possuir o segredo!...

E, tomando uma expressão de orgulho concentrado, rematou, abaixando a cabeça e olhando-me por cima das lunetas: — Segredo,

2 *Alexandrino*: verso de doze sílabas, com acentos principais na 6.^a e na 12.^a.

3 *Contendor*: aquele com quem se disputa ou se discute, oponente.

4 *Escusar*: não precisar, não necessitar.

5 *Musas*: na mitologia grega, as nove deusas inspiradoras das artes e, especialmente, da poesia. Chamam-se “musas” também as mulheres que inspiram os poetas.

que qualquer um de nós dois conhece melhor que as palmas da própria mão!...

— Segredo que eu me preso de possuir, como até hoje ninguém o conseguiu — declarei convicto.

E com esta frase me despedi e separei-me do Artur. Ele tomou para os lados de Botafogo, onde morava, e eu desci pela rua Guarda Velha.

Mal dera sozinho alguns passos, o tal sujeito de fraque cor de café-com-leite aproximou-se de mim, tocou-me no ombro, e disse-me com suma delicadeza:

— Perdão, cavalheiro! Queira desculpar interrompê-lo. Sei que vai estranhar o que lhe vou dizer, mas...

— Estou às suas ordens. Pode falar.

— É que ainda há pouco, quando o senhor conversava com o seu amigo, afirmou a respeito da poesia certa coisa que muito e muito me interessa... Desejo que me explique...

“Bonito!”, pensei eu. É algum parente ou algum admirador do conselheiro Otaviano, que vem tomar-me uma satisfação. Bem feito! Quem me manda a mim ter a língua tão comprida?...

— Entremos aqui no jardim da fábrica, propôs o meu interlocutor; tomaremos um copo de cerveja enquanto o senhor far-me-á o obséquio de esclarecer o ponto em questão.

O tom destas palavras tranqüilizou-se em parte. Concordei e fomos assentar-nos em volta de uma mesinha de ferro, defronte de dois chopes, por baixo de um pequeno grupo de palmeiras.

— O senhor — principiou o sujeito, depois de tomar dois goles do seu copo — declarou ainda há pouco que possui o segredo da poesia... Não é verdade?

Eu olhei para ele muito sério, sem conseguir perceber onde diabo queria o homem chegar.

— Não é verdade? — insistiu com empenho. — Nega que ainda há pouco declarou possuir o segredo dos poetas?

— Gracejo!... Foi puro gracejo de minha parte... — respondi,

sorrindo modestamente. Aquilo foi para mexer com o Barreiros, que — aqui para nós — na prosa é um purista, mas que a respeito de poesia não sabe distinguir um alexandrino de um decassílabo⁶. Tanto ele como eu nunca fizemos versos; creia!

— Oh, senhor! Por quem é não negue! Fale com franqueza!

— Mas juro-lhe que estou confessando a verdade...

— Não seja egoísta!

E o homem chegou a sua cadeira para junto de mim e segurou-me uma das mãos.

— Diga! — suplicou ele —. Diga por amor de Deus qual é o tal segredo; e conte que, desde esse momento, o senhor terá em mim o seu amigo mais reconhecido e devotado!

— Mas, meu caro senhor, juro-lhe que...

O tipo interrompeu-me, tapando-me a boca com a mão, e exclamou deveras comovido:

— Ah! Se o senhor soubesse; se o senhor pudesse imaginar quanto tenho até hoje sofrido por causa disto!

— Disto o quê? A poesia?

— É verdade! Desde que me entendo, procuro a todo o instante fazer versos!... Mas qual! Em vão consumo nessa luta de todos os dias os meus melhores esforços e as minhas mais profundas concentrações!... É inútil! Todavia, creia, senhor, o meu maior desejo, toda a ambição de minha alma, foi sempre, como hoje ainda, compor alguns versos, poucos que fossem, fracos muito embora; mas, com um milhão de raios! que fossem versos! e que rimassem! e que estivessem metrificados!⁷ e que dissessem alguma coisa!

— E nunca até hoje o conseguiu?... — interroguei, sinceramente pasmo.

6 *Decassílabo*: verso de dez sílabas.

7 *Versos metrificados*: versos feitos segundo as normas da *métrica*, isto é, as normas tradicionais para compor versos, “medindo-os” segundo o número de suas sílabas e a distribuição das sílabas fortes e fracas.

— Nunca! Nunca! Se o metro não sai mau, é a idéia que não presta; e se a idéia é mais ou menos aceitável, em vão procuro a rima! A rima não chega nem à mão de Deus Padre! Ah! tem sido uma campanha! uma campanha sem tréguas! Não me farto de ler os mestres; sei de cor o compêndio do Castilho;⁸ trago na algibeira⁹ o *Dicionário de consoantes*;¹⁰ e não consigo um soneto,¹¹ uma estrofe,¹² uma quadra!¹³ Foi por isso que pensei cá comigo: “Quem sabe se haverá algum mistério, algum segredo, nisto de fazer versos?... algum segredo, de cuja posse dependa em rigor a faculdade de ser poeta?...” Ah! e o que não daria eu para alcançar semelhante segredo?!... Matutava nisto justamente, quando o senhor, conversando com o seu amigo, afirmou que o segredo existe com efeito, e, melhor ainda, que o senhor o possui, podendo por conseguinte transmiti-lo adiante!

— Perdão! Perdão! O senhor está enganado, eu...

— Oh! não negue! Não negue por quem é! O senhor tem fechada na mão a minha felicidade! Se não quer que eu enlouqueça, confie-me o segredo! Peço-lhe! Suplico-lhe! Dou-lhe em troca a minha vida, se a exige!

— Mas, meu Deus! o senhor está completamente iludido!... Não existe semelhante coisa!... Juro-lhe que não existe!

— Não seja mau! Não insista em recusar um obséquio que lhe custa tão pouco e que vale tanto para mim! Bem sei que há de prezar muito o seu segredo, mas dou-lhe minha palavra de honra que me

8 *Compêndio de Castilho*: o antigamente famoso *Tratado de Metrificação* do poeta romântico Antônio Feliciano de Castilho.

9 *Algibeira*: bolso.

10 *Dicionário de consoantes*: o mesmo que *Dicionário de Rimas*.

11 *Soneto*: composição poética de catorze versos, dispostos em dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos), com duas rimas nos quartetos e outras duas ou três nos tercetos.

12 *Estrofe*: agrupamento de versos.

13 *Quadra*: estrofe de quatro versos.

conservarei digno dele até a morte! Vamos! declare! fale! diga logo o que é, ou nunca mais o largarei! nunca mais o deixarei tranqüilo! Diga ou serei eternamente a sua sombra!

— Ora esta! Como quer que lhe diga que não sei de semelhante segredo?!

— Não mo negue por tudo o que o seu coração mais ama neste mundo!

— O senhor tomou a nuvem por Juno!¹⁴ Não compreendeu o sentido de minhas palavras!

— O segredo! O segredo! O segredo!

Perdi a paciência. Ergui-me e exclamei, disposto a fugir:

— Quer saber o que mais?! Vá para o diabo que o carregue!

— Espere, senhor! Espere! Ouça-me por amor de Deus!

— Não me aborreça. Ora bolas!

— Hei de persegui-lo até alcançar o segredo!

E, como de fato, o tal sujeito acompanhou-me logo com tamanha insistência, que eu, para ver-me livre dele, prometi-lhe afinal que lhe havia de revelar o mistério.

No dia seguinte já lá estava o demônio do homem defronte da minha casa e não me largava a porta.

Para o restaurante, para o trabalho, para o teatro, para toda a parte, acompanhava-me aquele implacável fraque cor de café-com-leite, a pedir-me o segredo por todos os modos, de viva voz, por escrito e até por mímica, de longe.

Eu vivia já nervoso, doente com aquela obsessão.¹⁵ Cheguei a pensar em queixar-me à polícia ou empreender uma viagem.

Ocorreu-me, porém, uma idéia feliz, e mal a tive disse ao tipo

14 *Tomar a nuvem por Juno*: enganar-se com aparências; raciocinar a partir de um ponto de partida falso.

15 *Obsessão*: preocupação excessiva com uma idéia, que domina doentiamente o espírito; idéia fixa; mania.

que estava resolvido a confiar-lhe o segredo.

Ele quase perdeu os sentidos de tão contente que ficou. Marcou-me logo uma entrevista em lugar seguro; e, à hora marcada, lá estávamos os dois.

— Então que é?... — perguntou-me o monstro, esfregando as mãos.

— Uma cousa muito simples — segredei-lhe eu. — Para qualquer pessoa fazer bons versos, seja quem for, basta-lhe o seguinte: Não pensar no macaco azul. Está satisfeito?

— Não pensar no...? Macaco azul? O que é macaco azul... ?

— Pergunta a quem não lhe sabe responder ao certo. Imagine um grande símio azul-ferrete,¹⁶ com as pernas e os braços bem compridos, os olhos pequeninos, os dentes muito brancos, e aí tem o senhor o que é o macaco azul.

— Mas que há de comum entre esse mono e a poesia?...

— Tudo, visto que, enquanto o senhor estiver com a idéia no macaco azul, não pode compor um verso!

— Mas eu nunca pensei em semelhante bicho!...

— Parece-lhe; é que às vezes a gente está com ele na cabeça e não dá por isso.

— Pois hoje mesmo vou fazer a experiência... Ora quero ver se desta vez...

— Faça e verá.

No dia seguinte, o pobre homem entrou-me pela casa como um raio. Vinha furioso.

— Agora, gritou ele, é que o diabo do bicho não me larga mesmo! É pegar eu na pena, e aí está o maldito a dar-me voltas no miolo!

16 *Azyl-ferrete*: azul bem escuro.

— Tenha paciência! Espere alerta a ocasião em que ele não lhe venha à idéia e aproveite-a logo para escrever seus versos.

— Ora! Antes o senhor nunca me falasse no tal bicho! Assim, nem só continuo a não fazer versos, como ainda quebro a cabeça de ver se consigo não pensar no demônio do macaco!

E foi nestas circunstâncias que Paulino me escreveu aquela carta.

Demônios (1893)

POLÍTIPO¹

Aluísio Azevedo

Suicidou-se anteontem o meu triste amigo Boaventura da Costa.

Pobre Boaventura! Jamais o caiporismo² encontrou asilo tão cômodo para as suas traiçoeiras manobras como naquele corpinho dele, arqueado e seco, cuja exigüidade³ física, em contraste com a rara grandeza de sua alma, muita vez me levou a pensar seriamente na injustiça dos céus e na desequilibrada desigualdade das cousas cá da terra,

Não conheci ainda criatura de melhor coração, nem de pior estrela⁴. Possuía o desgraçado os mais formosos dotes morais de que é susceptível um animal da nossa espécie, escondidos porém na mais ingrata e comprometedora figura que até hoje viram meus olhos por entre a intérmina cadeia dos tipos ridículos.

O livro era excelente, mas a encadernação detestável.

Imagine-se um homenzinho de cinco pés⁵ de altura sobre um de largo⁶, com uma grande cabeça feia, quase sem testa, olhos fundos, pequenos e descabelado; nariz de feitio duvidoso, boca sem expres-

1 *Polítipo*: diz-se do gênero que compreende numerosas espécies; politípico.

2 *Caiporismo*: má sorte ou infelicidade constante em acontecimentos casuais ou em tudo que se faz; azar.

3 *Exigüidade*: pequenez.

4 *Estrela*: sorte.

5 *Pé*: unidade de medida linear, de 12 polegadas, equivalente a cerca de 30 centímetros.

6 *Largo*: largura.

são, gestos vulgares, nenhum sinal de barba, braços curtos, peito apertado e pernas arqueadas; e ter-se-á uma idéia do tipo do meu malogrado⁷ amigo.

Tipo destinado a perder-se na multidão, mas que a cada instante se destacava justamente pela sua extraordinária vulgaridade; tipo sem nenhum traço individual, sem uma nota própria⁸, mas que por isso mesmo se fazia singular e apontado; tipo cuja fisionomia ninguém conseguia reter na memória, mas que todos supunham conhecer ou já ter visto em alguma parte; tipo a que homem algum, nem mesmo aqueles a quem o infeliz, levado pelos impulsos generosos de sua alma, prestava com sacrifício os mais galantes obséquios, jamais encarou sem uma instintiva e secreta ponta de desconfiança.

Se em qualquer conflito, na rua, num teatro, no café ou no bonde, era uma senhora desacetada, ou um velho vítima de alguma violência, ou uma criança batida por alguém mais forte do que ela, Boaventura tomava logo as dores pela parte fraca, revoltava-se indignado, castigava com palavras enérgicas o culpado; mas ninguém, ninguém lhe atribuía a paternidade de ação tão generosa. Ao passo que, quando em sua presença se cometia qualquer ato desairoso⁹, cujo autor não fosse logo descoberto, todos olhavam para ele desconfiados, e em cada rosto o pobre Boaventura percebia uma acusação tácita¹⁰.

E o pior é que nestas ocasiões, em que tão injustamente era tomado por outro, ficava o desgraçado por tal modo confuso e perplexo, que, em vez de protestar, começava a empalidecer, a engolir em seco, agravando cada vez mais a sua dura situação.

Outro doloroso caiporismo dos seus era o de parecer-se com todo o mundo. Boaventura não tinha fisionomia própria; tinha um

7 *Malogrado*: infeliz, malsucedido.

8 *Nota própria*: característica distintiva, particular.

9 *Desairoso*: indecoroso, inconveniente.

10 *Tácito*: que não se exprime por palavras; silencioso, subentendido, implícito.

pouco da de toda a gente. Daí os *qüiproquós*¹¹ em que ele, apesar de tão bom e tão pacato, vivia sempre enredado¹². Tão depressa o tomavam por um ator, como por um padre, ou por um barbeiro, ou por um polícia secreto; tomavam-no por tudo e por todos, menos pelo Boaventura da Costa, rapaz solteiro, amanuense¹³ de uma repartição pública, pessoa honesta e de bons costumes.

Tinha cara de tudo e não tinha cara de nada, ao certo. As circunstâncias da sua falta absoluta de barba davam-lhe ao rosto uma *dúbia*¹⁴ expressão, que tanto podia ser de homem, como de mulher, ou mesmo de criança. Era muito difícil, senão impossível, determinar-lhe a idade. Visto de certo modo, parecia um sujeito de trinta anos, mas bastava que ele mudasse de posição para que o observador mudasse também de julgamento; de perfil, representava¹⁵ pessoa bastante idosa, mas, olhado de costas, dir-se-ia um estudante de preparatórios¹⁶; contemplado de cima para baixo, era quase um bonito moço, porém, de baixo para cima, era simplesmente horrível.

Encarando-o bem de frente, ninguém hesitaria em dar-lhe vinte e cinco anos, mas, com o rosto em três quartos¹⁷, afigurava apenas dezoito. Quando saía à rua, em noites chuvosas, com a gola do sobretudo¹⁸ até às orelhas e o chapéu até à gola do sobretudo, passava por um velhinho octogenário; e, quando estava em casa, no verão, em fralda de camisa¹⁹, a brincar com o seu gato ou com o seu cachorro,

11 *Qüiproquó*: confusão duma coisa com outra; equívoco.

12 *Enredado*: envolvido.

13 *Amanuense*: escrevente ou copista.

14 *Dúbio*: duvidoso.

15 *Representar*: aparentar.

16 *Preparatórios*: estudos prévios para os cursos superiores e cursos especiais.

17 *Rosto em três quartos*: numa posição intermediária entre a face e o perfil, apresentando aproximadamente três quartas partes do rosto.

18 *Sobretudo*: casaco usado pelos homens sobre a roupa, como proteção contra o frio e a chuva.

19 *Em fralda de camisa*: vestido apenas com a camisa, sem casacos ou semelhantes; diz-se também *em mangas de camisa*.

era tirar nem pôr um nhonhô²⁰ de uns dez ou doze anos de idade.

Um dia, entre muitos, em que a polícia, por engano, lhe invadiu os aposentos, surpreendeu-o dormindo, muito agachadinho sob os lençóis, com a cabeça embrulhada num lenço à laia de²¹ touca, e o sargento exclamou comovido:

— Uma criança! Pobrezinha! Como a deixaram aqui tão desamparada!

De outra vez, quando ainda a polícia quis dar caça a²² certas mulheres, que tiveram a fantasia de tomar trajos de²³ homem e percorrer assim as ruas da cidade, Boaventura foi logo agarrado e só na estação conseguiu provar que não era quem supunham. Outra ocasião, indo procurar certo artista, de cujos serviços precisava, foi recebido no corredor com esta singularíssima frase:

— Quê? Pois a senhora tem a coragem de voltar?... E quer ver se me engana com essas calças?

Tomara-o pela pobre, a quem na véspera havia despedido de casa.

Não se dava conflito de rua em que, passando perto o Boaventura, não o tomassem imediatamente por um dos desordeiros. Era ele sempre o mais sobressaltado²⁴, o mais lívido²⁵, o mais suspeito dos circunstantes. Não conseguia atravessar um quarteirão sem que fosse, a cada passo, interrompido por várias pessoas desconhecidas, que lhe davam joviais palmadas no ombro e na barriga, acompanhando-as de alegres e risonhas frases de velha e íntima amizade.

Em outros casos era um credor que o perseguia, convencido de que o devedor queria escapar-lhe, fingindo não ser o próprio; ou uma

20 *Nhonhô*: o mesmo que *ioiô*, forma de tratamento que os escravos davam aos meninos da família de seus senhores.

21 *À laia de*: à moda de; à maneira de; à feição de.

22 *Dar caça a*: prender.

23 *Tomar traje de*: vestir-se com trajos de; vestir-se à maneira de.

24 *Sobressaltado*: assustado, atemorizado.

25 *Lívido*: pálido.

mulher que o descompunha²⁶ em público; ou um agente policial que lhe rondava os passos; ou um soldado que lhe cortava o caminho, supondo ver nele um colega desertor.

E tudo isto ia o infeliz suportando, sem nunca aliás ter em sua vida cometido a menor culpa.

Uma existência impossível!

Se se achava numa repartição pública, tomavam-no, infalivelmente, pelo contínuo²⁷; nas igrejas passava sempre pelo sacristão; nos cafés, se acontecia levantar-se da mesa sem chapéu, bradava-lhe logo um consumidor, segurando-lhe o braço:

— Garçom! Há meia hora que reclamo²⁸ que me sirva.

Se ia provar um paletó à loja do alfaiate, enquanto estivesse em mangas de camisa, era só a ele que se dirigiam as pessoas chegadas depois. Nas muitas vezes que foi preso como suposto autor de vários crimes, a autoridade afiançava sempre que ele tinha diversos retratos na polícia. Verdade era que as fotografias não se pareciam entre si, mas todas se pareciam com Boaventura.

Num clube familiar, quando o infeliz, já no corredor, reclamava do porteiro o seu chapéu para retirar-se, uma senhora de nervos fortes²⁹ chegou-se por detrás dele na ponta dos pés e ferrou-lhe um beliscão.

— Pensas que não vi o teu escândalo com a viúva Sarmento, grandíssimo velhaco?!

O mísero voltara-se inalteravelmente, sem a menor surpresa. Ah! Ele já estava mais habituado àqueles enganos.

Que vida!

Afinal, e nem podia deixar de ser assim, atirou-se ao mar.

26 *Descompor*: censurar duramente; repreender ou admoestar com violência.

27 *Contínuo*: empregado que leva e traz papéis, transmite recados e faz outros pequenos serviços.

28 *Reclamar*: pedir.

29 *De nervos fortes*: de temperamento enérgico e irritável.

No necrotério, aonde fui por acaso, encontrei já muita gente; e todos aflitos, e todos agoniados defronte daquele cadáver que se parecia com um parente ou com um amigo de cada um deles.

Havia choro a valer e, entre o clamor geral, distinguiam-se estas e outras frases:

— Meu filho morto! Meu filho morto!

— Valha-me Deus! Estou viúva! Ai o meu rico homem!

— Oh, senhores! Ia jurar que este cadáver é o do Manduca!

— Mas não me engano! É o meu caixeiro!³⁰

— Dir-se-ia que este moço era um meu antigo companheiro de bilhar!...

— E eu aposto como é um velho, que tinha um botequim por debaixo da casa onde eu moro!

— Qual velho, o quê! Conheço este defunto. Era estudante de medicina! Uma vez até tomamos banho juntos, no boqueirão³¹. Lembro-me dele perfeitamente!

— Estudante! Ora muito obrigado! Há mais de dois anos chamei-o fora de horas³² para ir ver minha mulher que tinha de³³ cólicas! Era médico velho!

— Impossível! Afianço que este era um pequeno que vendia jornais. Ia levar-me todos os dias a *Gazeta* à casa. É que a morte alterou-lhe as feições.

— Meu pai!

— O Bernardino!

— Olha! Meu padrinho!

— Jesus! Este é meu tio José!

— Coitado do padre Rocha!

30 *Caixeiro*: balconista.

31 *Boqueirão*: abertura em costa marítima, rio ou canal.

32 *Fora de horas*: tarde, após o horário normal de trabalho; também se diz *a desoras* ou *por desoras*.

33 *Tinir de*: achar-se em (determinado estado) ou ter (determinada qualidade) em altíssimo grau.

— Pobre Boaventura! Só eu compreendi, adivinhei, que aquele cadáver não podia ser senão o teu, ó triste Boaventura da Costa!

E isso mesmo porque me pareceu reconhecer naquele defunto todo o mundo, menos tu, meu desgraçado amigo.

Demônios (1893)

Machado de Assis

MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) era mulato, filho de uma lavadeira e de um pintor de paredes. Nasceu numa época em que os negros, no Brasil, ainda eram escravos. Sendo pobre, frequentou a escola por poucos anos e trabalhou desde cedo. No entanto, é considerado, pela maioria dos estudiosos da literatura brasileira, o maior escritor do Brasil.

Sua obra revela grande cultura, requinte e ironia fina. Percebe-se que estudou sozinho o que não teve oportunidade de aprender na escola.

Escreveu poesias, peças de teatro, romances, contos e textos de crítica; consagrou-se como genial contista e romancista. Em seus melhores romances, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, e em vários de seus contos, está presente um humor fino, às vezes até amargo, que você terá oportunidade de apreciar ao ler os dois textos que se seguem. Esses textos são ainda da fase de aprendizado de Machado de Assis, mas já revelam diversas de suas grandes qualidades, entre as quais a escrita fluente, agradável e divertida.

QUEM CONTA UM CONTO...

Machado de Assis

I

Eu compreendo que um homem goste de ver brigar galos ou de tomar rapé.¹ O rapé dizem os tomistas² que alivia o cérebro. A briga de galos, é o Jockey Club dos pobres. O que eu não compreendo é o gosto de dar notícias.

E todavia quantas pessoas não conhecerá o leitor com essa singular vocação? O noveleiro³ não é tipo muito vulgar,⁴ mas também não é muito raro. Há família numerosa deles. São mais peritos e originais que outros. Não é noveleiro quem quer. É ofício que exige certas qualidades de bom cunho,⁵ quero dizer as mesmas que se exigem do homem de Estado.⁶ O noveleiro deve saber quando lhe convém dar uma notícia abruptamente, ou quando o efeito lhe pede certos preparativos: deve esperar a ocasião e adaptar-lhe os meios.

Não compreendo, como disse, o ofício de noveleiro. É coisa muito natural que um homem diga o que sabe a respeito de algum

1 *Rapé*: tabaco em pó, para cheirar (cheirar — o mesmo que “tomar” — rapé foi costume muito freqüente no século XIX).

2 *Tomista*: seguidor da doutrina de S. Tomás de Aquino, teólogo italiano (1225-1274), adotada oficialmente pela Igreja Católica. Há um toque de humor nessa referência ao “doutor angélico” (como o santo-filósofo é chamado).

3 *Noveleiro*: novidadeiro, espalhador de notícias ou boatos.

4 *Vulgar*: comum.

5 *Cunho*: feição, caráter, índole.

6 *Homem de Estado*: político que administra o Estado, estadista, governante.

objeto; mas que tire satisfação disso, lá me custa a entender. Mais de uma vez tenho querido fazer indagações a este respeito; mas a certeza de que nenhum noveleiro confessa que o é, tem impedido a realização deste meu desejo. Não é só desejo, é também necessidade; ganha-se sempre em conhecer os caprichos do espírito humano.

O caso de que vou falar aos leitores tem por origem um noveleiro. Lê-se depressa, porque não é grande.

II

Há coisa de sete anos, vivia nesta boa cidade um homem de seus trinta anos, bem apessoado e bem falante, amigo de conversar, extremamente polido, mas extremamente amigo de espalhar novas.⁷

Era um modelo do gênero.

Sabia como ninguém escolher o auditório, a ocasião e a maneira de dar a notícia. Não sacava a notícia da algibeira como quem tira uma moeda de vintém para dar a um mendigo. Não, senhor.

Atendia⁸ mais que tudo às circunstâncias. Por exemplo: ouvira dizer, ou sabia positivamente que o Ministério pedira demissão ou ia pedi-la. Qualquer noveleiro diria simplesmente a coisa sem rodeios. Luís da Costa, ou dizia a coisa simplesmente, ou adicionava-lhe certo molho para torná-la mais picante.

Às vezes entrava, cumprimentava as pessoas presentes e, se entre elas alguma havia metida em política, aproveitava o silêncio causado pela sua entrada para fazer-lhe uma pergunta deste gênero:

— Então, parece que os homens...

Os circunstantes perguntavam logo:

— Que é? Que há?

Luís da Costa, sem perder o seu ar sério, dizia singela

7 *Novas*: notícias, novidades.

8 *Atender*: atentar, prestar atenção.

mente:

— É o Ministério que pediu demissão.⁹

— Ah! sim? quando?

— Hoje.

— Sabem quem foi chamado?¹⁰

— Foi chamado o Zózimo.

— Mas por que caiu o Ministério?

— Ora, estava podre.

Etc. etc.

Ou então:

— Morreram como viveram.

— Quem? Quem? Quem?

Luís da Costa puxava os punhos e dizia negligentemente:

— Os ministros.

Suponhamos, agora, que se tratava de urna pessoa qualificada que devia vir no paquete:¹¹ Adolfo Thiers ou o príncipe de Bismarck.

Luís da Costa entrava, cumprimentava silenciosamente a todos, e em vez de dizer com simplicidade:

— Veio no paquete de hoje o príncipe de Bismarck.

Ou então:

— O Thiers chegou no paquete.

Voltava-se para um dos circunstantes:

— Chegaria o paquete?

— Chegou, dizia o circunstante.

— O Thiers veio?

Aqui entrava a admiração dos ouvintes, com que se deliciava Luís da Costa, razão principal do seu ofício.

9 O regime político do Brasil era então o monárquico parlamentarista: o governo era confiado ao líder do partido majoritário (Conservador ou Liberal), que, na qualidade de Primeiro Ministro, formava o Ministério.

10 *Chamado*: entenda-se “chamado para ser o novo Primeiro Ministro”.

11 *Paquete*: navio veloz e luxuoso.

III

Não se pode negar que este prazer era inocente e, quando muito, singular.

Infelizmente, não há bonito sem senão,¹² nem prazer sem amargura. Que mel não deixa um travo¹³ de veneno? perguntava o poeta da *Jovem Cativa*, e eu creio que nenhum, nem sequer o de alvissareiro.¹⁴

Luís da Costa experimentou, um dia, as asperezas do seu ofício.

Eram duas horas da tarde. Havia pouca gente na loja do Paula Brito, cinco pessoas apenas. Luís da Costa entrou com o rosto fechado como homem que vem pejado¹⁵ de alguma notícia. Apertou a mão a quatro das pessoas presentes; a quinta apenas recebeu um cumprimento, porque não se conheciam. Houve um rápido instante de silêncio, que Luís da Costa aproveitou para tirar o lenço da algibeira e enxugar o rosto. Depois, olhou para todos, e soltou secamente estas palavras:

— Então, fugiu a sobrinha do Gouveia? disse ele, rindo.

— Que Gouveia? disse um dos presentes.

— O major Gouveia, explicou Luís da Costa.

Os circunstantes ficaram muito calados e olharam de esguelha¹⁶ para o quinto personagem, que por sua parte olhava para Luís da Costa.

— O major Gouveia da Cidade Nova? perguntou o desconhecido ao noveleiro.

— Sim, senhor.

Novo e mais profundo silêncio.

12 *Senão*: defeito.

13 *Travo*: gosto adstringente (que “pega” na boca), áspero.

14 *Alvissareiro*: portador de boas novas, que traz boas notícias.

15 *Pejado*: envergonhado.

16 *Olhar de esguelha*: olhar de viés, de lado, disfarçadamente

Luís da Costa, imaginando que o silêncio era efeito da bomba que acabava de queimar, entrou a referir os pormenores da fuga da moça em questão. Falou de um namoro com um alferes,¹⁷ da oposição do major ao casamento, do desespero dos pobres namorados, cujo coração, mais eloqüente que a honra, adotara o alvitre¹⁸ de saltar por cima dos moinhos.

O silêncio era sepulcral.¹⁹

O desconhecido ouvia atentamente a narrativa de Luís da Costa, meneando com muita placidez²⁰ uma grossa bengala que tinha na mão.

Quando o alvissareiro acabou, perguntou-lhe o desconhecido:

— E quando foi esse rapto?

— Hoje de manhã.

— Oh!

— Das 8 para as 9 horas,

— Conhece o major Gouveia?

— De nome.

— Que idéia forma dele?

— Não formo idéia nenhuma. Menciono o fato por duas circunstâncias. A primeira é que a moça é muito bonita...

— Conhece-a?

— Ainda ontem a vi.

— Ah! A segunda circunstância...

— A segunda circunstância é a crueldade de certos homens em tolher²¹ os movimentos do coração da mocidade. O alferes de que se trata dizem-me que é um moço honesto, e o casamento seria, creio eu,

17 Alferes: posto da hierarquia do Exército no tempo do Império, logo abaixo de tenente.

18 *Alvitre*: decisão, opinião.

19 *Sepulcral*: fúnebre, sombrio.

20 *Placidez*: serenidade, tranqüilidade, sossego.

21 *Tolher*: embaraçar, estorvar, dificultar.

excelente. Por que razão queria o major impedi-lo?

O major tinha razões fortes, observou o desconhecido.

— Ah! conhece-o?

— Sou eu.

Luís da Costa ficou petrificado. A cara não se distinguia da de um defunto, tão imóvel e pálida ficou. As outras pessoas olhavam para os dois sem saber o que iria sair dali. Deste modo, correram cinco minutos.

IV

No fim de cinco minutos, o major Gouveia continuou:

— Ouvi toda a sua narração e diverti-me com ela. Minha sobrinha não podia fugir hoje de minha casa, visto que há quinze dias se acha em juiz de Fora.

Luís da Costa ficou amarelo.

— Por essa razão ouvi tranqüilamente a história que os senhor acaba de contar com todas as suas peripécias.²² O fato, se fosse verdadeiro, devia causar naturalmente espanto, porque, além do mais, Lúcia é muito bonita, e o senhor o sabe porque a viu ontem...

Luís da Costa tornou-se verde.

— A notícia, entretanto, pode ter-se espalhado, continuou o major Gouveia, e eu desejo liquidar o negócio, pedindo-lhe que me diga de quem a ouviu...

Luís da Costa ostentou todas as cores do íris²³.

— Então? disse o major, passados alguns instantes de silêncio.

— Sr. major, disse com voz trêmula Luís da Costa, eu não podia inventar semelhante notícia. Nenhum interesse tenho nela. Evidentemente, alguém ma contou.

22 *Peripécia*: aventura.

23 *Íris*: o espectro solar.

— É justamente o que eu desejo saber.

— Não me lembro...

— Veja se se lembra, disse o major com doçura.

Luís da Costa consultou sua memória; mas tantas coisas ouvia e tantas repetia, que já não podia atinar²⁴ com a pessoa que lhe contara a história do rato.

As outras pessoas presentes, vendo o caminho desagradável que as coisas podiam ter, trataram de meter o caso à bulha;²⁵ mas o major, que não era homem de graças, insistiu com o alvissareiro para que o esclarecesse a respeito do inventor da balela.²⁶

— Ah! Agora me lembra, disse de repente Luís da Costa, foi o Pires.

— Que Pires?

— Um Pires que eu conheço muito superficialmente.

— Bem, vamos ter com o Pires.

— Mas, sr. major...

O major já estava de pé, apoiado na grossa bengala, e com um ar de quem estava pouco disposto a discussões. Esperou que Luís da Costa se levantasse também. O alvissareiro não teve remédio senão imitar o gesto do major, não sem tentar ainda um:

— Mas, sr. Major...

— Não há mas, nem meio mas. Venha comigo; porque é necessário deslindar²⁷ o negócio hoje mesmo. Sabe onde mora esse tal Pires?

— Mora na Praia Grande, mas tem escritório na Rua dos Pescadores.

— Vamos ao escritório.

24 *Atinar (com)*: descobrir pelo tino, achar, encontrar.

25 *Meter o caso à bulha*: levar o caso na brincadeira.

26 *Balela*: boato, notícia sem fundamento.

27 *Deslindar*: investigar, apurar, descobrir.

Luís da Costa cortejou²⁸ os outros e saiu ao lado do major Gouveia, a quem deu respeitosamente a calçada e ofereceu um charuto. O major recusou o charuto, dobrou o passo e os dois seguiram na direção da Rua dos Pescadores.

V

— O sr. Pires?

— Foi à Secretaria da Justiça..

— Demora-se?

— Não sei.

Luís da Costa olhou para o major ao ouvir estas palavras do criado do sr. Pires. O major disse fleumaticamente:²⁹

— Vamos à Secretaria da Justiça.

E ambos foram a trote largo na direção da Rua do Passeio. Iam-se aproximando as três horas, e Luís da Costa, que jantava cedo, começava a ouvir do estômago uma lastimosa petição.³⁰ Era-lhe, porém, impossível fugir às garras do major. Se o Pires tivesse embarcado para Santos, é provável que o major o levasse até lá antes do jantar.

Tudo estava perdido.

Chegaram enfim à Secretaria, bufando como dois touros.

Os empregados vinham saindo, e um deles deu a notícia certa do esquivo³¹ Pires; disse-lhes que saíra dali, dez minutos antes, num tílbur.³²

— Voltemos à Rua dos Pescadores, disse pacificamente o major.

28 *Cortejar*: cumprimentar ou despedir-se.

29 *Fleumaticamente*: indiferentemente, friamente.

30 *Petição*: pedido.

31 *Esquivo*: arisco; aqui, usado com o sentido de “pessoa difícil de ser encontrada”.

32 *Tílbur*: carro (geralmente de aluguel) de duas rodas e dois assentos, sem boléia, com capota, e puxado por um só animal.

— Mas, senhor...

A única resposta do major foi dar-lhe o braço e arrastá-lo na direção da Rua dos Pescadores.

Luís da Costa ia furioso. Começava a compreender a plausibilidade e até a legitimidade de um crime. O desejo de estrangular o major pareceu-lhe um sentimento natural. Lembrou-se de ter condenado, oito dias antes, como jurado, um criminoso de morte, e teve horror de si mesmo.

O major, porém, continuava a andar com aquele passo rápido dos majores que andam depressa. Luís da Costa ia rebocado. Era-lhe literalmente impossível apostar carreira³³ com ele.

Eram três e cinco minutos, quando chegaram defronte do escritório do sr. Pires. Tiveram o gosto de dar com o nariz na porta.

O major Gouveia mostrou-se aborrecido com o fato; como era homem resoluto,³⁴ depressa se consolou do incidente:

— Não há dúvida, disse ele, iremos à Praia Grande.

— Isso é impossível! clamou Luís da Costa.

— Não é tal, respondeu tranqüilamente o major, ternos barca e custa-nos um cruzado³⁵ a cada um: eu pago a sua passagem.

— Mas, senhor, a esta hora...

— Que tem?

— São horas de jantar, suspirou o estômago de Luís da Costa.

— Pois jantaremos antes.

Foram dali a um hotel e jantaram. A companhia do major era extremamente aborrecida para o desastrado alvissareiro. Era impossível livrar-se dela; Luís da Costa portou-se o melhor que pôde. Demais, a sopa e o primeiro prato foram o começo da reconciliação.

33 *Carreira*: corrida.

34 *Resoluto*: decidido, determinado.

35 *Cruzado*: antiga moeda portuguesa, também usada no Brasil na época do Império. Recentemente e por um curto período (de 1986 a 1990), a moeda corrente no Brasil voltou a chamar-se cruzado.

Quando veio o café e um bom charuto, Luís da Costa estava resolvido a satisfazer o seu anfitrião em tudo o que lhe aprouvesse.

O major pagou a conta e saíram ambos do hotel. Foram direitos à estação das barcas de Niterói; meteram-se na primeira que saiu e transportaram-se à imperial cidade.

No trajeto, o major Gouveia conservou-se tão taciturno como até então. Luís da Costa, que já estava mais alegre, cinco ou seis vezes tentou atar conversa com o major; mas foram esforços inúteis. Ardia entretanto por levá-lo até a casa do sr. Pires, que explicaria as coisas como as soubesse.

VI

O sr. Pires morava na Rua da Praia. Foram direitinhos à casa dele. Mas se os viajantes haviam jantado, também o sr. Pires fizera o mesmo; e como tinha por costume ir jogar o voltarete em casa do dr. Oliveira, em S. Domingos, para lá seguira vinte minutos antes.

O major ouviu esta notícia com a resignação filosófica de que estava dando provas desde as duas horas da tarde. Inclinou o chapéu mais à banda e olhando de esguelha para Luís da Costa, disse :

— Vamos a S. Domingos.

— Vamos a S. Domingos, suspirou Luís da Costa.

A viagem foi de carro, o que de algum modo consolou o noveleiro.

Na casa do dr. Oliveira, passaram pelo dissabor de bater cinco vazes, antes que viessem abrir.

Enfim vieram.

— Está o sr. Pires?

— Está, sim, senhor, disse o moleque. Os dois respiraram.

O moleque abriu-lhes a porta da sala, onde não tardou que

aparecesse o famoso Pires, *l'introuvable*.³⁶

Era um sujeitinho baixinho e alegrinho. Entrou na ponta dos pés, apertou a mão a Luís da Costa e cumprimentou cerimoniosamente ao major Gouveia.

— Queiram sentar-se.

— Perdão, disse o major, não é preciso que nos sentemos; desejamos pouca coisa.

O sr. Pires curvou a cabeça e esperou.

O major voltou-se então para Luís da Costa e disse:

— Fale.

Luís da Costa fez das tripas coração e exprimiu-se nestes termos:

— Estando eu hoje na loja do Paula Brito contei a história do rapto de uma sobrinha do sr. major Gouveia, que o senhor me referiu pouco antes do meio-dia. O major Gouveia é este cavalheiro que me acompanha, e declarou que o fato era uma calúnia, visto sua sobrinha estar em juiz de Fora, há quinze dias. Intenta, contudo, chegar à fonte da notícia e perguntou-me quem me havia contado a história; não hesitei em dizer que fora o senhor. Resolveu, então, procurá-lo, e não temos feito outra coisa desde as duas horas e meia. Enfim, encontramos-lo.

Durante este discurso, o rosto do sr. Pires apresentou todas as modificações do espanto e do medo. Um ator, um pintor, ou um estatuário³⁷ teria ali um livro inteiro para folhear e estudar. Acabado o discurso, era necessário responder-lhe, e o sr. Pires o faria de boa vontade, se se lembrasse do uso da língua. Mas não; ou não se lembrava, ou não sabia que uso faria dela. Assim correram uns três a quatro minutos.

— Espero as suas ordens, disse o major, vendo que o homem não falava.

36 *L'introuvable*: (francês; pronúncia: *léntruable*) “o impossível de achar”.

37 *Estatuário*: aquele que faz estátuas; escultor.

— Mas, que quer o senhor? balbuciou o sr. Pires,

— Quero que me diga de quem ouviu a notícia transmitida a este senhor. Foi o senhor quem lhe disse que minha sobrinha era bonita?

— Não lhe disse tal, acudiu o sr. Pires; o que eu disse que me constava ser bonita.

— Vê? disse o major, voltando-se para Luís da Costa.

Luís da Costa começou a contar as tábuas do teto.

O major dirigiu-se, depois, ao sr. Pires:

— Mas vamos lá, disse; de quem ouviu a notícia?

— Foi de um empregado do tesouro.

— Onde mora?

— Em Catumbi.

O major voltou-se para Luís da Costa, cujos olhos, tendo já contado as tábuas do teto, que eram vinte duas, começavam a examinar detidamente os botões do punho da camisa.

— Pode retirar-se, disse o major; não é mais preciso aqui.

Luís da Costa não esperou mais: apertou a mão do sr. Pires, balbuciou um pedido de desculpa, e saiu. Já estava a trinta passos, e ainda lhe parecia estar colado ao terrível major. Ia justamente a sair uma barca; Luís da Costa deitou a correr, e ainda a alcançou, perdendo apenas o chapéu, cujo herdeiro foi um cocheiro necessitado.

Estava livre.

VII

Ficaram sós o major e o sr. Pires.

— Agora, disse o primeiro, há de ter a bondade de me acompanhar à casa desse empregado do Tesouro... Como se chama?

— O bacharel³⁸ Plácido.

— Estou às suas ordens; tem passagem e carro pagos.

38 *Bacharel*: advogado.

O sr. Pires fez um gesto de aborrecimento, e murmurou:

— Mas eu não sei... se...

— Se?

— Não sei se me é possível nesta ocasião...

— Há de ser. Penso que é um homem honrado. Não tem idade para ter filhas moças, mas pode vir a tê-las, e saberá se é agradável que tais invenções andem na rua.

— Confesso que as circunstâncias são melindrosas; mas não poderíamos...

— O quê?

— Adiar?

— Impossível.

O sr. Pires mordeu o lábio inferior; meditou alguns instantes, e afinal declarou que estava disposto a acompanhá-lo.

— Acredite, sr. major, disse ele concluindo, que só as circunstâncias especiais deste caso me obrigariam a ir à cidade.

O major inclinou-se.

O sr. Pires foi despedir-se do dono da casa, e voltou para acompanhar o implacável³⁹ major, em cujo rosto se lia a mais franca resolução.

A viagem foi tão silenciosa como a primeira. O major parecia unia estátua; não falava e raras vezes olhava para o seu companheiro.

A razão foi compreendida pelo sr. Pires, que matou as saudades do voltarete,⁴⁰ fumando sete cigarros por hora.

Enfim, chegaram a Catumbi.

Desta vez, foi o major Gouveia mais feliz que da outra: achou o bacharel Plácido em casa.

O bacharel Plácido era o seu próprio nome feito homem. Nunca, a pachorra⁴¹ tivera mais fervoroso culto. Era gordo, corado, lento e

39 *Implacável*: que não se pode abrandar; que não perdoa.

40 *Voltarete*: jogo de cartas.

41 *Pachorra*: falta de pressa; vagar, lentidão, fleuma.

frio. Recebeu os dois visitantes com a benevolência de um Plácido verdadeiramente plácido.⁴²

O sr. Pires explicou o objeto da visita.

— É verdade que eu lhe falei de um rapto, disse o bacharel, mas não foi nos termos em que o senhor o repetiu. O que eu disse foi que o namoro da sobrinha do major Gouveia com um alferes era tal que até já se sabia do projeto de rapto.

— E quem lhe disse isso, sr. bacharel? perguntou o major.

— Foi o capitão de artilharia Soares.

— Onde mora?

— Ali em Mataporcos.

— Bem, disse o major.

E voltando-se para o sr. Pires:

— Agradeço-lhe o incômodo, disse; não lhe agradeço, porém, o acréscimo. Pode ir embora; o carro tem ordem de o acompanhar até à estação das barcas.

O sr. Pires não esperou novo discurso; despediu-se e saiu. Apenas entrou no carro, deu dois ou três socos em si mesmo e fez um solilóquio⁴³ extremamente desfavorável à sua pessoa:

— É bem feito, dizia o sr. Pires; quem me manda ser abelhudo? Se só me ocupasse com o que me diz respeito, estaria a esta hora muito descansado e não passaria por semelhante dissabor.⁴⁴ É bem feito!

VIII

O bacharel Plácido encarou o major, sem compreender a razão por que ficara ali, quando o outro fora embora. Não tardou que o major o esclarecesse. Logo que o sr. Pires saiu da sala, disse ele:

42 *Plácido*: tranqüilo, sereno, pacífico.

43 *Solilóquio*: fala de alguém consigo mesmo; monólogo.

44 Dissabor: contrariedade, aborrecimento, desprazer, amolação.

— Queira agora acompanhar-me à casa do capitão Soares.

— Acompanhá-lo! exclamou o bacharel mais surpreendido do que se lhe caísse o nariz no lenço de tabaco.⁴⁵

— Sim, senhor.

— Que pretende fazer?

— Oh! Nada que o deva assustar. Compreende que se trata de uma sobrinha, e que um tio tem necessidade de chegar a origem de semelhante boato. Não crimino os que o repetiram, mas quero haver-me com o que o inventou.

O bacharel recalcitrou:⁴⁶ a sua pachorra dava mil razões para demonstrar que sair de casa às ave-marias⁴⁷ para ir a Mataporcos era um absurdo. A nada atendia o major Gouveia, e com o tom intimador que lhe era peculiar, antes intimava do que persuadia o gordo bacharel.

— Mas há de confessar que é longe, observou este.

— Não seja essa a dúvida, acudiu o outro; mande chamar um carro que eu pago.

O bacharel Plácido coçou a orelha, deu três passos na sala, suspendeu a barriga e sentou-se.

— Então? disse o major ao cabo de algum tempo de silêncio.

— Refleti, disse o bacharel; é melhor irmos a pé; eu jantei há pouco e preciso digerir. Vamos a pé...

— Bem, estou às suas ordens.

O bacharel arrastou a sua pessoa até a alcova⁴⁸ enquanto o major, com as mãos nas costas, passeava na sala, meditando e fazendo, a espaços, um gesto de impaciência.

Gastou o bacharel cerca de vinte e cinco minutos em preparar a sua pessoa, e saiu enfim à sala quando o major ia já tocar a campainha

45 *Lenço de tabaco*: lenço com que se limpava o nariz depois de se aspirar rapé.

46 *Recalcitrar*: resistir.

47 *Às ave-marias*: ao anoitecer.

48 *Alcova*: quarto de dormir.

para chamar alguém.

— Pronto?

— Pronto.

— Vamos!

— Deus vá conosco.

Saíram os dois na direção de Mataporcos.

Se uma pipa andasse seria o bacharel Plácido: já porque a gordura não lho consentia, já porque desejara pregar uma peça ao importuno, o bacharel não ia sequer com passo de gente. Não andava... arrastava-se. De quando em quando, parava, respirava e bufava; depois, seguia vagarosamente o caminho.

Com este, era impossível o major empregar o sistema de reboque que tão bom efeito leve com Luís da Costa. Ainda que o quisesse obrigar a andar era impossível, porque ninguém arrasta oito arrobas⁴⁹ com a simples força do braço.

Tudo isto punha o major em apuros. Se visse passar um carro tudo estava acabado, porque o bacharel não resistiria ao seu convite intimativo; mas os carros tinham-se apostado para não passar ali, ao menos vazios, e só de longe um tílburí vago convidara, a passo lento, os fregueses.

O resultado de tudo isto foi que só às oito horas chegaram os dois à casa do capitão Soares. O bacharel respirou à larga, enquanto o major batia palmas na escada.

— Quem é? perguntou uma voz açucarada.

— O sr. capitão? disse o major Gouveia.

— Eu não sei se já saiu, respondeu a voz; vou ver.

Foi ver, enquanto o major limpava a testa e se preparava para tudo o que pudesse sair de semelhante embrulhada. A voz não voltou senão dali a oito minutos, para perguntar com toda a singeleza:⁵⁰

49 *Arroba*: unidade usada como medida de peso de produtos agropecuários, equivalente a 15 kg.

50 *Singeleza*: simplicidade.

— O senhor quem é?

— Diga que é o bacharel Plácido, acudiu o indivíduo deste nome, que ansiava por arrumar a católica⁵¹ pessoa em cima de algum sofá.

A voz foi dar a resposta e daí a dois minutos voltou a dizer que o bacharel Plácido podia subir.

Subiram os dois.

O capitão estava na sala e veio receber à porta o bacharel e o major. A este conhecia também, mas eram apenas cumprimentos de chapéu.

— Queiram sentar-se.

Sentaram-se.

IX

— Que mandam nesta sua casa?⁵² perguntou o capitão Soares.

O bacharel usou da palavra:

— Capitão, eu tive a infelicidade de repetir aquilo que você me contou a respeito da sobrinha do sr. major Gouveia.

— Não me lembra, que foi? disse o capitão com uma cara tão alegre como a de homem a quem estivessem torcendo um pé.

— Disse-me você, continuou o bacharel Plácido, que o namoro da sobrinha do sr. major Gouveia era tão sabido que até já se falava de um projeto de rapto...

— Perdão! interrompeu o capitão. Agora me lembro que alguma coisa lhe disse, mas não foi tanto como você acaba de repetir.

— Não foi?

51 *Católico*: além de seus sentidos básicos (“universal” e “praticante do catolicismo”), o adjetivo pode significar “bem-disposto” e daí, no caso presente, “gordo, bem fornido”.

52 “*Que mandam nesta sua casa?*”: que desejam nesta casa, que é como se fosse dos senhores? (O capitão usa uma fórmula de cortesia.)

— Não.

— Então, que foi?

— O que eu disse foi que havia notícia vaga de um namoro da sobrinha de V. S.^a com um alferes. Nada mais disse. Houve equívoco da parte do meu amigo Plácido.

— Sim, há alguma diferença, concordou o bacharel.

— Há, disse o major, deitando-lhe os olhos por cima do ombro. Seguiu-se um silêncio.

Foi o major Gouveia o primeiro que falou:

— Enfim, senhores, disse ele, ando desde as duas horas da tarde na indagação da fonte da notícia que me deram a respeito de minha sobrinha. A notícia tem diminuído muito, mas ainda há aí um namoro de alferes que incomoda. Quer o sr. capitão dizer-me a quem ouviu isso?

— Pois não, disse o capitão; ouvi-o ao desembargador⁵³ Lucas.

— É meu amigo!

— Tanto melhor.

— Acho impossível que ele dissesse isso, disse o major, levantando-se.

— Senhor! exclamou o capitão.

— Perdoe-me, capitão, disse o major, caindo em si. Há de concordar que ouvir a gente o seu nome assim maltratada por culpa de um amigo...

— Nem ele disse por mal, observou o capitão Soares. Parecia até lamentar o fato, visto que sua sobrinha está para casar com outra pessoa...

— É verdade, concordou o major. — O desembargador não era capaz de injuriar-me; naturalmente, ouviu isso a alguém.

— É provável.

— Tenho interesse em saber a fonte de semelhante boato.

53 *Desembargador*: juiz do Tribunal de Justiça ou de Apelação.

Acompanhe-lhe à casa dele.

— Agora!

— É indispensável.

— Mas sabe que ele mora no Rio Comprido?

— Sei; iremos de carro.

O bacharel Plácido aprovou esta resolução e despediu-se dos dois militares.

— Não podíamos adiar isso para depois? perguntou o capitão logo que o bacharel saiu.

— Não, senhor.

O capitão estava em sua casa; mas o major tinha tal império⁵⁴ na voz ou no gesto, quando exprimia a sua vontade, que era impossível resistir-lhe. O capitão não teve remédio senão ceder.

Preparou-se, meteram-se num carro e foram na direção do Rio Comprido, onde morava o desembargador.

O desembargador era um homem alto e magro, dotado de excelente coração, mas implacável contra quem quer que lhe interrompesse uma partida de gamão.⁵⁵

Ora, justamente na ocasião em que os dois lhe bateram à porta, jogava ele o gamão com o coadjutor⁵⁶ da freguesia, cujo dado era tão feliz que em menos de uma hora lhe dera já cinco gangas.⁵⁷ O desembargador fumava... figuradamente falando, e o coadjutor sorria, quando o moleque foi dar parte de que duas pessoas estavam na sala e queriam falar com o desembargador.

O digno sacerdote da justiça teve ímpetos de atirar o copo à cara do moleque; conteve-se, ou antes, traduziu o seu furor num discurso furibundo⁵⁸ contra os importunos e maçantes:

54 *Império*: autoridade, comando, domínio.

55 *Gamão*: jogo (de azar e cálculo) de tábulas e dados, entre dois parceiros.

56 *Coadjutor*: ajudante.

57 *Ganga*: série de partidas, em vários jogos, especialmente no gamão.

58 *Furibundo*: furioso, enfurecido, colérico.

— Há de ver que é algum procurador à procura de autos,⁵⁹ ou à cata de autos, ou à cata de informações. Que os leve o diabo a todos eles.

— Vamos, tenha paciência, dizia-lhe o coadjutor. — Vá, vá ver o que é, que eu o espero. Talvez que esta interrupção corrija a sorte dos dados.

— Tem razão, é possível, concordou o desembargador, levantando-se e dirigindo-se para a sala.

X

Na sala teve a surpresa de achar dois conhecidos.

O capitão levantou-se sorrindo e pediu-lhe desculpa do incômodo que lhe vinha dar. O major levantou-se, também, mas não sorria.

Feitos os cumprimentos, foi exposta a questão. O capitão Soares apelou para a memória do desembargador, a quem dizia ter ouvido a notícia do namoro da sobrinha do major Gouveia.

— Recordo-me ter-lhe dito, respondeu o desembargador, que a sobrinha de meu amigo Gouveia piscara o olho a um alferes, o que lamentei do fundo d'alma, visto estar para casar. Não lhe disse, porém, que havia namoro...

O major não pôde disfarçar um sorriso, vendo que o boato ia a diminuir à proporção que se aproximava da fonte. Estava disposto a não dormir sem dar com ela.

— Muito bem, disse ele; a mim não basta esse dito; desejo saber a quem o ouviu, a fim de chegar ao primeiro culpado de semelhante boato.

— A quem o ouviu?

— Sim.

— Foi ao senhor.

59 *Autos*: conjunto das peças de um processo.

— A mim!

— Sim, senhor; sábado passado.

— Não é possível!

Não se lembra que me disse na Rua do Ouvidor, quando falávamos das proezas da...

— Ah! Mas não foi isso! exclamou o major. — O que eu lhe disse foi outra coisa. Disse-lhe que era capaz de castigar minha sobrinha se ela, estando agora para casar, deitasse os olhos a algum alferes que passasse.

— Nada mais? perguntou o capitão.

— Mais nada.

— Realmente, é curioso.

O major despediu-se do desembargador, levou o capitão até Mataporcos e foi direito para casa, praguejando contra si e todo o inundo.

Ao entrar em casa, estava já mais aplacado.⁶⁰ O que o consolou foi a idéia de que o boato podia ser mais prejudicial do que fora. Na cama, ainda pensou no acontecimento, mas já se ria da maçada que dera aos noveleiros. Suas últimas palavras antes de dormir foram:

— Quem conta um conto...

Jornal das Famílias (1873), in *Contos Fluminenses II*.

60 *Aplacado*: tranqüilizado, serenado.

BRINCAR COM FOGO

Machado de Assis

1

Lúcia e Maria chamavam-se as duas moças. A segunda era antes conhecida pelo diminutivo Mariquinhas, que neste caso estava¹ perfeitamente com a estatura da pessoa.

Mariquinhas era pequenina, refeitinha e bonitinha; tinha a cor morena, os olhos pretos, ou quase pretos, mãos e pés pouco menos invisíveis. Entrava nos seus dezoito anos, e contava já cerca de seis namoros consecutivos. Atualmente não tinha nenhum.

Lúcia era de estatura meã, tinha olhos e cabelos castanhos, pés e mãos regulares e proporcionados ao tamanho do corpo, e a tez clara. Deitava já pelas costas os dezoito e entrava nos dezenove. Namoros extintos: sete.

Tais eram as duas damas de cuja vida vou contar um episódio original, que servirá de aviso às que se acharem em iguais circunstâncias.

Lúcia e Mariquinhas eram muito amigas e quase parentas. O parentesco não vem ao caso, e por isso bastará saber que a primeira era filha de um velho médico, — velho em todos os sentidos, porque a ciência para ele estava no mesmo ponto em que ele a conheceu em 1849. Mariquinhas já não tinha pai; vivia com sua mãe, que era viúva de um tabelião.

1 *Estava*: se adequava, estava de acordo, era adequado.

Eram íntimas amigas como disse acima, e sendo amigas e moças, eram naturais confidentes uma da outra. Namoro que uma encetasse era logo comunicado à outra. As cartas eram redigidas entre ambas, quando se achavam juntas ou simplesmente comunicadas por cópia no caso contrário. Algum beijo casual e raro que uma delas houvesse colhido ou concedido não deixava de ser contado à outra, que fazia o mesmo em idênticas circunstâncias.

Os namoros de que falo não eram com intenções casamenteiras. Nenhuma delas se sentia inclinada ao matrimônio, — pelo menos, com os indivíduos escolhidos. Eram passatempos, namoravam para fazer alguma coisa, para ocupar o espírito ou simplesmente debicar² o próximo.

Um dia a coisa seria mais grave, e nesse caso as confidências seriam menos freqüentes e completas. Tal dia porém não chegara ainda, e as duas moças passavam pelas mais atrevidas roedoras de corda³ que a natureza pôs no bairro dos Cajueiros. Lúcia morava na rua da Princesa, e Mariquinhas na do Príncipe.

2

Como se visitavam a miúdo, e passavam dias e dias uma em casa da outra, aconteceu que pela Páscoa do ano de 1868 estavam ambas à janela da casa de Lúcia, quando viram ao longe uma cara nova. Cara nova quer dizer petimetre⁴ novo, ainda não explorador daquele bairro.

Efetivamente era a primeira vez que o Sr. João dos Passos penetrava naquela região, conquanto nutrisse há muito tempo esse desejo. Naquele dia, ao almoço resolveu que iria aos Cajueiros. A ocasião não podia ser mais própria. Recebera do alfaiate a primeira calça da última roda, fazenda finíssima, e comprara na antevéspera

2 *Debicar*: zombar de

3 *Roer a corda*: faltar a uma promessa, não cumprir um compromisso.

4 *Petimetre*: indivíduo vestido com apuro exagerado.

um chapéu fabricado em Paris. Estava no trinque. Tinha certeza de causar sensação.

Era João dos Passos um rapaz de vinte e tantos anos, estatura regular, bigode raro e barba rapada. Não era bonito nem feio; era assim. Tinha alguma elegância natural, que ele exagerava com uns meneios e jeito que dava ao corpo na idéia de que ficaria melhor. Era ilusão, porque ficava péssimo. A natureza tinha-lhe dado uma vista agudíssima; a imitação deu-lhe uma luneta de um vidro só, que ele trazia pendente de uma fita larga ao pescoço. Fincava-a de quando em quando no olho esquerdo, sobretudo quando havia moças à janela.

Tal foi a cara nova que as duas amigas lobrigaram⁵ ao longe.

— Há de ser meu! dizia uma rindo.

— Não, senhora, aquele vem destinado à minha pessoa, reclamava a outra.

— Fique-se lá com o Abreu!

— E você, porque não se fica com o Antonico?

— Pois seja à sorte!

— Não, há de ser a que ele preferir.

— Caluda!⁶

João dos Passos aproximava-se. Vinha pela calçada oposta, com a luneta assestada na janela em que as duas moças estavam. Quando viu que não eram desagradáveis, antes mui simpáticas e galantes, aperfeiçoou o jeitinho que dava ao corpo e entrou a fazer com a bengala de junco passagens difíceis e divertidas.

— Bravíssimo! dizia Mariquinhas à amiga.

— Que tal? perguntava Lúcia.

E ambas cravavam os olhos em João dos Passos, que, pela sua parte, tendo o olho direito desimpedido da luneta, podia ver claramente que as duas belas olhavam para a sua pessoa.

5 *Lobrigar*: ver a custo, perceber.

6 *Caluda*: expressão usada na época para impor silêncio; psiu.

Foi passando e olhando sem que elas tirassem dele os olhos, o que sobremaneira comoveu o petimetre a ponto que o obrigou a voltar a cabeça cinco ou seis vezes. Na primeira esquina, que ficava um pouco distante, João dos Passos parou, tirou o lenço e enxugou a cara. Não havia necessidade disso, mas era conveniente dizer uma espécie de adeus com o lenço, quando o fosse guardar na algibeira. Feito isso, continuou João dos Passos o seu caminho.

— É comigo! dizia Mariquinhas a Lúcia.

Lúcia reclamava:

— Boas! Aquilo é comigo. Eu bem vi que ele não tirava os olhos de mim. É um bonito rapaz...

— Talvez seja...

— Um pouco tolo?

— Não te parece?

Talvez... Mas bonito é.

— Escusa de estar dizendo isso, porque ele é meu...

— Não senhora, é meu.

E as duas amigas reclamavam com ardor, e a rir, a pessoa do adventício⁷ gamenho,⁸ cuja preferência ainda estava por declarar. Nesse debate gastaram cerca de vinte minutos quando viram apontar ao longe a figura de João dos Passos.

— Lá vem ele!

— Está filado!⁹

João dos Passos vinha outra vez pelo lado oposto; a meio caminho porém atravessou a rua, com o fim evidente de contemplar de perto as duas belas que teriam ao mesmo tempo ocasião de o examinar melhor. Atrevo-me a dizer isto, porque João dos Passos não duvidara da sua influência pessoal.

— Agora veremos com quem é a coisa, disse Lúcia.

7 *Adventício*: aquele que chega de fora, que é estranho ou intruso.

8 *Gamenho*: indivíduo muito enfeitado, janota.

9 *Filado*: preso, capturado.

— Veremos, assentiu Mariquinhas.

João dos Passos aproximava-se com os olhos na janela e bengala no ar. As duas moças não tiravam os olhos dele. O momento era decisivo. Cada uma delas buscava chamar exclusivamente a atenção do rapaz, mas a verdade é que ele olhava ora para uma, ora para outra, com a mesma expressão.

Na ocasião, porém, em que ele passava justamente por baixo das janelas da casa, que era assobradada, Mariquinhas com o ar sonso das namoradeiras de profissão, perguntou à outra:

— Você amanhã há de ir lá passar o dia na rua do Príncipe; sim?

A resposta de Lúcia foi dar-lhe um beliscão, sem que uma nem outra desviassem os olhos de João dos Passos, o qual, chegando a dez passos de distância, deixou cair a bengala, para ter ocasião de olhar ainda uma vez para as duas moças. Na próxima esquina, lencinho fora, adeus disfarçado, e movimento giratório de bengala, até que de todo desapareceu no horizonte.

3

Lúcia disse coisas muito feias a Mariquinhas, por causa da habilidade com que esta indicara ao rapaz a rua em que morava. Mariquinhas repeliu dignamente as censuras de Lúcia, e ambas ficaram de acordo em que João dos Passos era pouco menos que desfrutável.¹⁰

— Se a coisa for comigo, dizia Mariquinhas, eu prometo trazê-lo de canto chorado.¹¹

— E eu também, se a coisa for comigo, acudiu Lúcia.

Ficou assentado esse plano.

No dia seguinte Mariquinhas voltou para casa, mas nem na rua

10 *Desfrutável*: dado a exageros ridículos. A palavra pode significar também “que se pode desfrutar, usufruir”.

11 *Trazer de canto chorado*: não dar folga a (alguém).

do Príncipe, nem na da Princesa, apareceu a figura de João dos Passos. Aconteceu o mesmo nos outros dias, e já uma e outra das duas amigas tinham perdido a esperança de o tomarem a ver, quando no domingo próximo surgiu ele na rua do Príncipe. Só Lúcia estava à janela, mas nem por isso deixou de haver o cerimonial do domingo anterior.

— É comigo, pensou Lúcia.

E não se demorou em dar conta do ocorrido a Mariquinhas num bilhete que às pressas lhe escreveu e remeteu por uma negrinha.¹² A negrinha partiu, e mal teria tempo de chegar à casa de Mariquinhas, quando um moleque da casa desta entregava a Lúcia uma cartinha da sinhá-moça.

Dizia assim:

“A coisa é comigo! Passou agora mesmo, e... digo não te digo mais nada.”

A carta de Lúcia dizia pouco mais ou menos a mesma coisa. Imagina-se facilmente o efeito deste caso; e, sabido o carácter galhofeiro¹³ das duas amigas, facilmente se acreditará que na primeira ocasião assentassem de caçoar com o petimetre, até então anônimo para elas.

Assim foi.

Na forma dos anteriores namoros ficou assentado que as duas comunicariam uma à outra o que se fosse passando com o namorado. Desta vez era a coisa ainda mais picante; a comparação das cartas apaixonadas do mesmo homem devia ser coisa muito para divertir as duas amigas.

A primeira carta de João dos Passos às duas moças começava assim: “Desde o afortunado instante em que os meus olhos vos encontraram, logo senti que o meu coração ficava eternamente

12 *Negrinha*: escrava ainda menina, encarregada de pequenos serviços.

13 *Galhofeiro*: gracejador, brincalhão, zombeteiro.

cativo¹⁴ da vossa beleza.” Falava-lhes da cor dos cabelos, única parte em que a carta sofreu modificação. Quanto a idéia de matrimônio, havia um período em que alguma coisa transluzia, sendo a linguagem a mesma, e igualmente apaixonada.

A primeira idéia de Mariquinhas e Lúcia foi dar idêntica resposta novo namorado; mas a consideração de que semelhante recurso o desviaria, fez com que repelissem a idéia, limitando-se ambas a declarar a João dos Passos que alguma coisa sentiam por ele, e animando-o persistir na campanha.

João dos Passos não era homem de recusar namoro. A facilidade que encontrara nas duas moças foi para ele uma grande animação. Começou então um verdadeiro entrudo epistolar.¹⁵ João dos Passos respondia pontualmente às namoradas; às vezes não se contentava com uma só resposta, e mal despedira uma carta, logo carregava e disparava outra, todas elas fulminantes e mortais. Nem por isso as moças deixavam de gozar perfeita saúde.

Um dia, — duas semanas depois da inauguração do namoro, — João dos Passos a si mesmo perguntou se não era arriscado escrever com a mesma letra às duas namoradas. Sendo amigas íntimas era natural que mostrassem as cartas uma à outra. Refletiu porém que se houvessem mostrado as cartas teriam descoberto o estratagema.¹⁶ Logo não eram tão íntimas como pareciam.

E se até agora não mostraram as cartas, continuou João dos Passos, é provável que nunca mais as mostrem.

Qual era o fim de João dos Passos entretendo este namoro? perguntará naturalmente o leitor.

Casar?

Passar tempo?

Uma e outra coisa.

14 *Cativo*: seduzido, atraído, dominado.

15 *Entrudo epistolar*: carnaval de cartas.

16 *Estratagema*: artifício, ardil, armadilha.

Se dali surdisse¹⁷ um casamento, João dos Passos o aceitaria de boa vontade, apesar de não lhe dar muito o emprego que tinha na casa da Misericórdia.

Se não surdisse casamento ficava ele ao menos com a satisfação haver passado alegremente o tempo.

4

O namoro prosseguiu assim durante alguns meses.

As duas amigas comunicavam regularmente as cartas e redigiam prontas as respostas. As vezes divertiam-se em dificultar-lhe a situação. Por exemplo, uma dizia que iria ver tal procissão da rua tal número tantos, e que o esperava à janela às tantas horas, ao passo que a outra marcava a mesma hora para o esperar à janela de sua casa. João dos Passos arranjava como podia o caso, sem escapar nunca aos arrufos¹⁸ de uma delas, coisa que o lisonjeava sobremaneira.

As expressões amorosas das cartas de Mariquinhas e Lúcia eram contrastadas pelas boas caçoadas que faziam do namorado,

— Como vai o bobo?

— Cada vez melhor.

— Ontem, voltou-se tanto para traz, que esteve quase a esbarrar com um velho.

— Pois lá na rua do Príncipe escapou de cair.

— Que pena!

— Não cair?

— Decerto.

— Tens razão. Tinha vontade de vê-lo de pernas para o ar.

— E eu!

— E o andar dele, já reparaste?

17 *Surdir*: resultar.

18 *Arrufo*: ressentimento passageiro entre pessoas que se querem bem.

- Ora!
— Parece um boneco de engonço.¹⁹
— Imposturando²⁰ com a luneta.
— É verdade; aquilo há de ser impostura.
— Pode ser que não... porque ele tem realmente a vista curta.
— Isso tem; curtíssima.

Tal era a opinião real que as duas moças faziam dele, mui diferente da que exprimiam nas cartas que João dos Passos recebia com o maior prazer deste mundo.

Quando estavam juntas e o viam vir ao longe, a linguagem delas era sempre do mesmo gênero. Mariquinhas, cujo espírito era tão buliçoso²¹ como o corpo, rompia sempre o diálogo.

- Olha! olha!
— É ele?
— O cujo... Como vem engraçado!
— É verdade. Olha o braço esquerdo!
— E o jeitinho do ombro?
— Jesus! que rosa tamanha no peito!
— Já vem rindo.
— É para mim.
— É para mim.

E João dos Passos aproximava-se nadando num mar de delícias, e satisfeito de si mesmo, visto estar convencido de que realmente embaraçava as duas moças.

Durou esta situação, como disse, alguns meses, creio que três. Era tempo suficiente para aborrecer a comédia; ela porém continuava, com uma modificação apenas.

Qual seria?

A pior de todas.

19 *Engonço*: dobradiça.

20 *Imposturar*: proceder com fingimento, com impostura.

21 *Buliçoso*: que bole ou se move muito, agitado, travesso.

As cartas de João dos Passos começaram a não ser comunicadas entre as duas antigas. Lúcia foi a primeira que disse não receber cartas de João dos Passos, e não tardou que a outra dissesse a mesma coisa. Ao mesmo tempo já a pessoa do namorado lhes não causava riso, e sendo ele a principio o objeto quase exclusivo da conversa de ambas, dessa data em diante foi assunto interdito.

A razão, como o leitor adivinha, é que as duas amigas, estando a brincar com fogo, vieram a queimar-se. Nenhuma delas, entretanto, lendo no seu próprio coração, chegou a perceber que igual coisa se passava no coração da outra. Estavam convencidas de que se enganavam muito habilmente.

E ainda mais.

Lúcia refletia assim:

— Ele, que já lhe não escreve e continua a escrever-me, é porque me ama.

Mariquinhas discorria deste modo:

— Não tem que ver. Ele acabou com o gracejo de escrever a Lúcia, e a razão naturalmente é que só eu domino no seu coração.

Um dia, a Mariquinhas arriscou esta pergunta:

— Então João dos Passos nunca mais te escreveu?

— Nunca mais.

— Nem a mim.

— Naturalmente perdeu a esperança.

— Há de ser isso.

— Tenho pena!

— E eu também.

E no seu interior a Lúcia ria da Mariquinhas, e a Mariquinhas ria da Lúcia.

5

João dos Passos, entretanto, fazia consigo a reflexão seguinte:

— Onde irá isto parar? Ambas gostam de mim, e eu, por ora,

gosto de ambas. Como só me devo casar com uma delas, tenho escolher a melhor, e aqui começa a dificuldade.

O petimetre comparou em seguida as qualidades das duas namoradas.

O tipo de Lúcia era para ele excelente; gostava das mulheres claras e de estatura regular. Mas o tipo de Mariquinhas dominava igualmente em seu coração, porque amara a muitas baixinhas e moreninhas.

Vacilava na escolha.

E por isso mesmo que vacilava na escolha, é que não amava verdadeiramente a nenhuma delas, e não amando verdadeiramente a nenhuma delas, era natural adiar a escolha para as calendas gregas.²²

As cartas continuavam a ser apaixonadíssimas, o que lisonjeava extremamente a João dos Passos.

O pai de Lúcia e a mãe de Mariquinhas, que até agora não entraram no conto, nem entrarão daqui em diante, por não serem precisos, admiravam-se da mudança que notavam nas filhas. Ambas estavam mais sérias do que nunca. Há namoro, concluíram eles, e cada um sua parte procurou sondar o coração que lhe dizia respeito. As duas moças confessaram que efetivamente amavam a um mancebo²³ dotado de eminentes qualidades e merecedor de entrar na família. Obtiveram consentimento para fazer com que o mancebo de eminentes qualidades chegasse à fala.

Imagine o leitor o grau de contentamento das duas moças. Logo nesse dia cada uma delas tratou de escrever a João dos Passos dizendo que podia ir pedi-la em casamento.

Tenha paciência o leitor e continue a imaginar a surpresa de João dos Passos quando recebeu as duas cartas contendo a mesma coisa. Um homem que, ao partir um ovo cozido visse sair de dentro

22 *Calendas gregas*: tempo que nunca há de vir.

23 *Mancebo*: rapaz.

um elefante, não ficaria mais assombrado do que o nosso João dos Passos.

Sua primeira idéia foi uma suspeita. Desconfiou que ambas lhe armassem uma cilada, de acordo com as famílias. Repeliu porém a suspeita, refletindo que, em nenhum caso, o pai de uma e a mãe de outra consentiriam no meio empregado. Compreendeu que era amado igualmente de uma e outra, explicação que o espelho confirmou eloqüentemente quando ele lhe lançou um olhar interrogativo.

Que faria ele em tal situação?

Era a ocasião da escolha.

João dos Passos considerou o assunto por todos os lados. As duas moças eram as mais belas do bairro. Não tinham dinheiro, mas essa consideração desaparecia desde que ele pudesse meter inveja a meio mundo. A questão era saber a qual delas daria a preferência.

A Lúcia?

A Mariquinhas?

Resolveu estudar o caso mais detidamente; mas como era necessário mandar imediata resposta, escreveu duas cartas, uma para Mariquinhas, outra para Lúcia, pretextando²⁴ uma demora indispensável.

As cartas foram.

A que ele escreveu a Lúcia dizia assim:

“Minha querida Lúcia.

“Não Imaginas o contentamento que me deste com a tua carta. Vou enfim obter a maior graça do céu, a de poder chamar-te minha esposa!

“Vejo que estás mais ou menos autorizada por teu pai, esse honrado ancião, de quem serei filho amante e obediente.

”Obrigado!

“Devia ir hoje mesmo à tua casa e pedir-te em casamento. Uma

24 *Pretextar*: usar como pretexto, como desculpa.

circunstância, porém, me impede de o fazer. Apenas ela desapareça, e nunca irá além de uma semana, corro à ordem que o céu me envia pela mão de um dos seus anjos.

”Ama-me como eu te amo.

“Adeus!

“Teu, etc.”

A carta dirigida a Mariquinhas era deste teor.

“Minha Mariquinhas do meu coração.

“Faltam-me palavras para dizer o júbilo que me deu a tua carta. Eu era um desgraçado até há poucos meses. Repentinamente a felicidade começou a sorrir-me, e agora (oh! céus!) lá me acena com a maior ventura da terra, a de ser teu esposo.

“Estou certo de que a tua respeitável mãe de algum modo te insinuou o passo que deste. Boa e santa senhora! Anseio por chamá-la mãe, por adorá-la de joelhos!

“Não posso, como devia, ir hoje mesmo à tua casa.

“Há uma razão que mo impede.

“Descansa, que é razão passageira. Antes de oito dias lá estarei, e se Deus nos não tolher o passo, dentro de dois meses estaremos esposos.

“Oh! Mariquinhas, que felicidade!

“Adeus!

“Teu, etc.”

Ambas estas cartas traziam um post-scriptum, marcando a hora em que nessa noite ele passaria pela casa delas. A hora de Lúcia era às sete, a de Mariquinhas às oito.

As cartas foram entregues ao portador e levadas ao seu destino.

6

Neste ponto da narrativa, qualquer outro que não prezasse a curiosidade da leitora, intercalaria um capítulo de considerações filológicas, ou diria alguma coisa a respeito do namoro na antiguidade.

Eu não quero abusar da curiosidade da leitora. Minha obrigação é dizer que desenlace teve esta complicada situação.

As cartas foram, mas foram erradas; a de Lúcia foi entregue a Mariquinhas, e a de Mariquinhas a Lúcia.

Não tenho forças para pintar o desapontamento, a raiva, o desespero das duas moças, e muito menos os faniquitos que sobrevieram à crise, coisa indispensável em tal situação.

Se se achassem debaixo do mesmo teto é possível que o obituário²⁵ fosse enriquecido com os nomes das duas belas moças. Felizmente cada uma delas estava em sua casa, pelo que tudo se passou menos tragicamente.

Os nomes que elas chamaram ao ingrato e pérfido²⁶ gamenho, podiam escrever-se se houvesse papel suficiente. Os que elas disseram uma da outra orçavam pela mesma quantidade. Nisto gastaram os oito dias de prazo marcado por João dos Passos.

Notou este, logo na primeira noite, que nenhuma delas o esperou à janela conforme fora marcado. No dia seguinte sucedeu a mesma coisa.

João dos Passos indagou o que havia. Soube que as duas moças estavam incomodadas e de cama. Ainda assim não atinou com a causa e limitou-se a mandar muitas lembranças, que os portadores aceitaram docilmente, apesar de terem ordem positivamente de não receber nenhum recado mais. Há casos porém em que um portador de cartas desobedece; um deles é o caso de remuneração e foi esse o caso João dos Passos.

No fim de oito dias ainda João dos Passos não tinha feito a sua escolha; mas o acaso, que governa a vida humana, quando a providência se cansa de a dirigir, trouxe à casa do petimetre uma prima da

25 *Obituário*: registro de falecimentos.

26 *Pérfido*: infiel, traidor, desleal.

roça cuja riqueza consistia em dois belos olhos e cinco excelentes prédios. João dos Passos era doído por olhos bonitos mas não desdenhava²⁷ os prédios. Os prédios e os olhos da prima decidiram o nosso perplexo herói, que nunca mais voltou aos Cajueiros.

Lúcia e Mariquinhas casaram mais tarde, mas apesar da ingratidão de João dos Passos, e do tempo que decorreu, nunca mais se deram. Os esforços dos parentes foram baldados.²⁸ Nenhuma delas seria capaz de casar em nenhuma hipótese com João dos Passos; e isto poderia levá-las a se estimarem como dantes. Não foi assim; tudo perdoaram, exceto a humilhação.

Jornal das Famílias (1875),
in *Contos Esquecidos*, org. Magalhães Júnior, Rio, Ediouro, 1996.

27 *Desdenhar*: desprezar com altivez.

28 *Baldado*: inútil, vão.

Lima Barreto

LIMA BARRETO

Lima Barreto (1881-1922), mulato, teve uma vida difícil, o que não o impediu de ser aluno brilhante até a faculdade, que teve de interromper por falta de recursos. Escreveu romances e contos que revelam ironia afiada, dirigida principalmente à sociedade do Rio de Janeiro do começo do século. Seus livros mais conhecidos são *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Enfrentou enormes dificuldades, entregou-se ao alcoolismo, foi internado em hospício e ao morrer, aos 41 anos de idade, o valor de sua obra ainda não era reconhecido. As razões da pouca atenção que recebeu em seu tempo estão, certamente, na dura crítica social contida em seus livros, assim como na sua preferência por tipos populares dos subúrbios do Rio de Janeiro.

A CARTOMANTE¹

Lima Barreto

Não havia dúvida de que naqueles atrasos e atrapalhões de sua vida, alguma influência misteriosa preponderava. Era ele tentar qualquer cousa, logo tudo mudava. Esteve quase para arranjar-se na Saúde Pública; mas, assim que obteve um bom “pistolão”², toda a política mudou. Se jogava no bicho³, era sempre o grupo seguinte ou o anterior que dava. Tudo parecia mostrar-lhe que ele não devia ir para adiante. Se não fossem as costuras⁴ da mulher, não sabia bem como poderia ter vivido até ali. Há cinco anos que não recebia vintém de seu trabalho. Uma nota de dois mil-réis, se alcançava⁵ ter na algibeira por vezes, era obtida com auxílio de não sabia quantas humilhações, apelando para a generosidade dos amigos.

Queria fugir, fugir para bem longe, onde a sua miséria atual não tivesse o realce da prosperidade passada; mas, como fugir? Onde havia de buscar dinheiro que o transportasse, a ele, a mulher e aos filhos? Viver assim era terrível! Preso à sua vergonha como a uma

-
- 1 *Cartomante*: pessoa que pratica a adivinhação por meio de cartas de jogo.
 - 2 *Pistolão*: empenho ou recomendação de pessoa influente.
 - 3 *Bicho*: loteria, jogo de risco muito popular no país. Nele, as apostas se fazem sobre os finais 0000 a 9999, cujas dezenas correspondem a 25 grupos, cada um com o nome de um animal.
 - 4 *Costura*: o trabalho como costureira.
 - 5 *Alcançar*: conseguir.

calceta⁶, sem que nenhum código e juiz tivessem condenado, que martírio!

A certeza, porém, de que todas as suas infelicidades vinham de uma influência misteriosa, deu-lhe mais alento. Se era “coisa feita”⁷, havia de haver por força quem a desfizesse. Acordou mais alegre e se não falou à mulher alegremente era porque ela já havia saído. Pobre de sua mulher! Avelhantada⁸ precocemente, trabalhando que nem uma moura⁹, doente, entretanto a sua fragilidade transformava-se em energia para manter o casal.

Ela saía, virava a cidade, trazia costuras, recebia dinheiro, e aquele angustioso lar ia se arrastando, graças aos esforços da esposa.

Bem! As cousas iam mudar! Ele iria a uma cartomante e havia de descobrir o que e quem atrasavam a sua vida.

Saiu, foi à venda e consultou o jornal. Havia muitos videntes, espíritas, teósofos¹⁰ anunciados; mas simpatizou com uma cartomante, cujo anúncio dizia assim: “Madame Dadá, sonâmbula, extralúcida. Deita as cartas¹¹ e desfaz toda a espécie de feitiçaria, principalmente a africana. Rua etc.”.

Não quis procurar outra; era aquela, pois já adquirira a convicção de que aquela sua vida vinha sendo trabalhada pela mandinga¹²

6 *Calceta*: grilhão, argola de ferro fixada no tornozelo de um prisioneiro e ligada à cintura dele, ou ao pé de outro prisioneiro. O termo designa, por extensão, uma pena de trabalhos forçados.

7 “*Coisa feita*”: ação maléfica ou acontecimento que, à falta de explicação, se atribui supersticiosamente a artes diabólicas de feiticeiros ou a espíritos sobrenaturais. Nessa acepção, a expressão é grafada com hífen: *coisa-feita*.

8 *Avelhantado*: envelhecido.

9 *Mouro*: termo que designa, em sentido próprio, os povos que habitaram a Mauritânia (noroeste da África), também chamados mauritanos ou sarracenos. Figuradamente, o termo designa um indivíduo que trabalha muito ou excessivamente.

10 *Teósofo*: seguidor da teosofia — conjunto de doutrinas religioso-filosóficas que têm por objeto a união do homem com a divindade, mediante a elevação progressiva do espírito até à iluminação.

11 *Deitar as cartas*: empregar cartas de jogo para adivinhação.

12 *Mandinga*: magia, feitiçaria.

de algum preto mina¹³, a soldo¹⁴ do seu cunhado Castrioto, que jamais vira com bons olhos o seu casamento com a irmã.

Arranjou, com o primeiro conhecido que encontrou, o dinheiro necessário, e correu depressa para a casa de Madame Dadá.

O mistério ia desfazer-se e o malefício ser cortado. A abastança¹⁵ voltaria à casa; compraria um terno para o Zezé, umas botinas para Alice, a filha mais moça; e aquela cruciante¹⁶ vida de cinco anos havia de lhe ficar na memória como passageiro pesadelo.

Pelo caminho tudo lhe sorria. Era o sol muito claro e doce, um sol de junho; eram as fisionomias risonhas dos transeuntes; e o mundo que até ali lhe aparecia mau e turvo¹⁷, repentinamente lhe surgia claro e doce.

Entrou, esperou um pouco, com o coração a lhe saltar do peito.

O consulente¹⁸ saiu e ele foi afinal à presença da pitonisa¹⁹. Era sua mulher.

Contos e Novelas, Garnier, Rio, 1990.

13 *Preto mina*: indivíduo pertencente ao grupo tribal de cultura fanti-axanti, oriundo da Costa do Ouro (Guiné). Deve-se preferir a forma *preto-mina*, ou *negro-mina*.

14 *A soldo de*: submetido ao pagamento e às ordens de (alguém).

15 *Abastança*: abundância, fartura.

16 *Cruciante*: crucificante; que aflige muito, torturante.

17 *Turvo*: sombrio.

18 *Consulente*: aquele que faz uma consulta, pedindo conselho ou opinião.

19 *Pitonisa*: na Antiguidade, a pitonisa (ou pítia) era a sacerdotisa de Apolo, a qual pronunciava oráculos em Delfos (Grécia). O termo designa ironicamente, no texto, a cartomante procurada pelo protagonista.

QUASE ELA DEU O “SIM”, MAS...

Lima Barreto

João Cazu era um moço suburbano¹, forte e saudável, mas pouco ativo e amigo do trabalho.

Vivia em casa dos tios, numa estação de subúrbios, onde tinha moradia, comida, roupa, calçado e algum dinheiro que a sua bondosa tia e madrinha lhe dava para os cigarros.

Ele, porém, não os comprava; “filava-os” dos outros. “Refundia”² os níqueis que lhe dava a tia, para dar flores às namoradas e comprar bilhetes de tómbolas³, nos vários “mafuás”⁴, mais ou menos eclesiásticos⁵, que há por aquelas redondezas.

O conhecimento do seu hábito de “filar” cigarros aos camaradas e amigos, estava tão espalhado⁶ que, mal um deles o via, logo tirava da algibeira um cigarro; e, antes de saudá-lo, dizia:

— Toma lá o cigarro, Cazu.

1 *Suburbano*: que mora em subúrbio, na periferia de uma cidade.

2 *Refundir*: transformar, converter.

3 *Tômbola*: espécie de lotto em que, para ganhar o prêmio, é preciso completar um cartão.

4 *Mafuá*: feira ou parque de diversões com barracas, jogos, carroséis, etc.

5 *Mais ou menos eclesiásticos*: a expressão é irônica e humorística, uma vez que o termo *eclesiástico* (“pertencente ou ligado à Igreja”) não admite propriamente essa gradação.

6 *O conhecimento do seu hábito de “filar” cigarros aos camaradas e amigos, estava tão espalhado...*: note como o autor separou com vírgula sujeito e predicado. Melhor seria omitir a vírgula: *O conhecimento do seu hábito de “filar” cigarros aos camaradas e amigos estava tão espalhado...* Alteramos outros pontos do texto em que ocorre semelhante uso da vírgula.

Vivia assim muito bem, sem ambições nem tensões. A maior parte do dia, especialmente a tarde, empregava ele, com outros companheiros, em dar loucos pontapés numa bola, tendo por arena um terreno baldio das vizinhanças da residência dele, ou melhor, dos seus tios e padrinhos.

Contudo, ainda não estava satisfeito. Restava-lhe a grave preocupação de encontrar quem lhe lavasse e engomasse a roupa, remendasse as calças e outras peças do vestuário, *cerzisse*⁷ as meias, etc., etc.

Em resumo: ele queria uma mulher, uma esposa, adaptável ao seu jeito descansado.⁸

Tinha visto falar em sujeitos que se casam com moças ricas e não precisam trabalhar; em outros que esposam professoras e adquirem a meritória profissão de “maridos da professora”; ele, porém, não aspirava a tanto.

Apesar disso, não desanimou de descobrir uma mulher que lhe servisse convenientemente.

Continuou a jogar displicentemente o seu *football* vagabundo e a viver cheio de segurança e abundância com os seus tios e padrinhos.

Certo dia, passando pela porteira da casa de uma sua vizinha mais ou menos conhecida, ela lhe pediu:

— “Seu” Cazu, o senhor vai até à estação?

— Vou, Dona Ermelinda.

— Podia me fazer um favor?

— Pois não.

— É ver se o “Seu” Gustavo, da padaria “Rosa de Ouro”, me pode ceder duas estampilhas⁹ de seiscentos réis. Tenho que fazer um requerimento ao Tesouro, sobre coisas do meu montepio¹⁰, com

7 *Cerzir*: costurar tecidos de modo que não se notem, ou mal se notem, as costuras.

8 *Descansado*: relaxado, preguiçoso.

9 *Estampilha*: selo postal.

10 *Montepio*: pensão recebida pelo falecimento do cônjuge.

urgência, precisava muito.

— Não há dúvida, minha senhora.

Cazu, dizendo isto, pensava de si para si: “É um bom partido. Tem montepio, é viúva; o diabo são os filhos!” Dona Ermelinda, à vista da resposta dele, disse:

— Está aqui o dinheiro.

Conquanto dissesse várias vezes que não precisava daquilo — o dinheiro —, o impenitente jogador de *football* e feliz hóspede dos tios, foi embolsando os nicolau¹¹, por causa das dúvidas¹².

Fez o que tinha a fazer na estação, adquiriu as estampilhas e voltou para entregá-las à viúva.

De fato, Dona Ermelinda era viúva de um contínuo ou cousa parecida de uma repartição pública. Viúva e com pouco mais de trinta anos, nada se falava da sua reputação.

Tinha uma filha e um filho, que educava com grande desvelo¹³ e muito sacrifício.

Era proprietária do pequeno *chalet*¹⁴ onde morava, em cujo quintal havia laranjeiras e algumas outras árvores frutíferas.

Fora o seu falecido marido que o adquirira com o produto de uma “sorte” na loteria; e se ela, com a morte do esposo, o salvara das garras de escritvães, escreventes, meirinhos¹⁵, solicitadores¹⁶ e advogados “mambembes”,¹⁷ devia-o à precaução do marido, que comprara a casa em nome dela.

11 *Nicolau*: gíria da época para designar uma moeda de níquel. — ... *o impenitente jogador de football e feliz hóspede dos tios, foi embolsando...*: aqui também o autor separou com vírgula o sujeito e o predicado. Melhor seria: ... *o impenitente jogador de football e feliz hóspede dos tios foi embolsando...*

12 *Por causa das dúvidas*: por via das dúvidas.

13 *Desvelo*: cuidado, dedicação.

14 *Chalet*: (francês) chalé; casa rústica.

15 *Meirinho*: antigo funcionário judicial, correspondente, hoje, ao oficial de justiça.

16 *Solicitador*: auxiliar de advogado, habilitado por lei para requerer em juízo ou promover o andamento das ações, com diversas restrições legais.

17 *Mambembe*: medíocre, ordinário, inferior.

Assim mesmo, tinha sido preciso a intervenção do seu compadre, o Capitão Hermenegildo, a fim de remover os obstáculos que certos “águias”¹⁸ começavam a pôr, para impedir que ela entrasse em plena posse do imóvel e abocanhar-lhe afinal o seu chalezito humilde.

De volta, Cazu bateu à porta da viúva, que trabalhava no interior. Com o rendimento de seu trabalho, ela conseguia aumentar de muito o módico¹⁹, senão irrisório montepio, de modo a conseguir fazer face às despesas mensais consigo e os filhos.

Percebendo a pobre viúva que era o Cazu, sem se levantar da máquina²⁰, gritou:

— Entre, “Seu” Cazu.

Estava só; os filhos ainda não tinham vindo do colégio. Cazu entrou.

Após entregar as estampilhas, quis o rapaz retirar-se; mas foi obstado²¹ por Ermelinda nestes termos:

— Espere um pouco, “Seu” Cazu. Vamos tomar café.

Ele aceitou e embora²² ambos se serviram da infusão da “preciosa rubiácea”²³, como se diz no estilo “valorização”²⁴.

A viúva, tomando café, acompanhado com pão e manteiga, pôs-se a olhar o companheiro com certo interesse. Ele notou e fez-se amável e galante, demorando em esvaziar a xícara. A viuvinha sorria interiormente de contentamento. Cazu pensou com os seus botões: “Está aí um bom partido: casa própria, montepio, renda das costuras; e, além de tudo, há de lavar-me e consertar a roupa. Se calhou²⁵, fico

18 “Águia”: indivíduo tratante, desonesto, espertalhão.

19 *Módico*: pequeno, reduzido, modesto.

20 *Máquina*: a máquina de costura.

21 *Obstado*: obstruído, impedido.

22 *Embora*: em boa hora.

23 “*Preciosa rubiácea*”: o café.

24 *No estilo “valorização”*: no estilo de quem procura encarecer, artificialmente, o valor de algo.

25 *Se calhou*: “se vier a calhar”, “se der certo”.

livre das censuras da tia...”

Essa vaga tenção²⁶ ganhou mais corpo, quando a viúva, olhando-lhe a camisa, perguntou:

— “Seu” Cazu, se eu lhe disser uma cousa, o senhor fica zangado?

— Ora, qual, Dona Ermelinda?

— Bem. A sua camisa está rasgada no peito. O senhor traz “ela” amanhã, que eu conserto “ela”.²⁷

Cazu respondeu que era preciso lavá-la primeiro; mas a viúva prontificou-se em fazer isso também. O *player*²⁸ dos pontapés, fingindo relutância no começo, aceitou afinal; e doido por isso estava ele, pois era uma “entrada”²⁹ para obter uma lavadeira em condições favoráveis.

Dito e feito: daí em diante, com jeito e manha, ele conseguiu que a viúva se fizesse a sua lavadeira bem em conta.

Cazu, após tal conquista, redobrou de atividade no *football*, abandonou os biscates³⁰ e não dava um passo para obter emprego. Que é que ele queria mais? Tinha tudo...

Na redondeza, passavam como noivos; mas não eram nem mesmo namorados declarados.

Havia entre ambos, unicamente um “namoro de caboclo”,³¹ com o que Cazu ganhou uma lavadeira, sem nenhuma exigência monetária, que o cultivava carinhosamente. Um belo dia, após ano e pouco

26 *Tenção*: intenção.

27 Note como Lima Barreto assinala com aspas os usos da fala popular que contrariam as normas da língua culta, ou seja, as normas gramaticais da escola.

28 *Player*: (inglês; pronúncia: *plêierou plêia*, com *â* fechado e breve) jogador.

29 *Entrada*: começo, início; ocasião, oportunidade.

30 *Biscate*: trabalho de pouca importância, “bico”.

31 *Havia entre ambos, unicamente um “namoro de caboclo”*...: repare no uso da vírgula separando verbo (*havia*) e objeto direto (*um namoro*...) — uso desrecomendado, seja pela lógica, seja pela tradição da língua. Com pontuação adequada, teríamos: *Havia entre ambos, unicamente, um “namoro de caboclo”*... ou *Havia entre ambos unicamente um “namoro de caboclo”*...

de tal namoro, houve um casamento na casa dos tios do diligente³² jogador de *football*. Ele, à vista da cerimônia e da festa, pensou: “Por que também eu não me caso? Por que eu não peço Ermelinda em casamento? Ela aceita, por certo; e eu...”

Matutou domingo, pois o casamento tinha sido no sábado; refletiu segunda e, na terça, cheio de coragem, chegou-se à Ermelinda e pediu-a em casamento.

— É grave isto, Cazu. Olhe que sou viúva e com dois filhos!

— Tratava “eles” bem, eu juro!

— Está bem. Sexta-feira, você vem cedo, para almoçar comigo, e eu dou a resposta.

Assim foi feito. Cazu chegou cedo e os dois estiveram a conversar; ela, com toda a naturalidade, e ele, cheio de ansiedade e apreensivo.

Num dado momento, Ermelinda foi até à gaveta de um móvel e tirou de lá um papel.

— Cazu — disse ela, tendo o papel na mão —, você vai à venda e à quitanda e compra o que está aqui nesta “nota”. É para o almoço.

Cazu agarrou trêmulo o papelucho e pôs-se a ler o seguinte:

1 quilo de feijão	600 rs. ³³
½ de farinha	200 “
½ de bacalhau	1\$200 “
½ de batatas	360 “
Cebolas	200 “
Alhos	100 “
Azeite	300 “
Sal	100 “
Vinagre	200 “
	<hr/>
	3\$260 rs.

32 *Diligente*: zeloso, aplicado.

33 *Rs.*: abreviatura de *réis*, plural de *real*, fração da antiga unidade monetária brasileira, o *mil-réis*. Escrevia-se com o cifrão (\$) depois do milhar.

Quitanda:

Carvão	200 rs.
Couve	200 “
Salsa	100 “
Cebolinha	100 “

Tudo 3\$860 rs.

Acabada a leitura, Cazu não se levantou logo da cadeira; e, com a lista na mão, a olhar de um lado a outro, parecia atordoado, estuporado³⁴.

— Anda Cazu, fez a viúva. Assim, demorando, o almoço fica tarde...

— É que...

— Que há?

— Não tenho dinheiro.

— Mas você não quer casar comigo? É mostrar atividade, meu filho! Dê os seus passos... Vá! Um chefe de família não se atrapalha... É agir!

João Cazu, tendo a lista de gêneros³⁵ na mão, ergueu-se da cadeira, saiu e não mais voltou...

Careta, Rio de Janeiro, 29/1/1921,
in Contos e Novelas, Garnier, Rio, 1990.

34 *Estuporado*: perplexo e imóvel; espantado e paralisado.

35 *Gênero*: produto, mercadoria.

O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

Lima Barreto

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado¹ às convicções e às respeitabilidades,² para poder viver.

Houve mesmo uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho.

Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas³ vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

— Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado!

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas

1 *Pregar uma partida*: pregar uma peça, enganar, lograr.

2 *Convicções e respeitabilidades*: pessoas convictas de suas idéias (pessoas “sérias”) e respeitáveis.

3 *Gil Blas*: célebre aventureiro malandro, protagonista do romance *História de Gil Blas de Santillana*, de Lesage, escritor francês do século XVIII.

páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

— Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

— Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

— Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Comércio* o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.”

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse⁴ quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os “cadáveres”.⁵ Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopédie*,⁶ letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A *Encyclopédie* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí. Andei pelas ruas,

4 *Capiscar*: (do italiano) entender pouco ou mal.

5 “*Cadáveres*”: credores.

6 *Grande Encyclopédie*: (francês; pronúncia: *ggrand āciclopédí*) Grande Enciclopédia.

perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieróglifos;⁷ de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas⁸ na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu “a-b-c” malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos alugéis dos cômodos:

— Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

— Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

— Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

— É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

— Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propôr-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo

7 *Hieróglifo*: tipo de escrita figurativa; tudo que é difícil de decifrar.

8 *Calunga*: desenho sumário.

Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entrementes⁹ continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder — “como está o senhor?” — e duas ou três regras de gramática, lastrado¹⁰ todo esse saber com vinte palavras do léxico.¹¹

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil — podes ficar certo — aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas¹² mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular,¹³ me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza ...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei porque me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

9 *Entrementes*: enquanto isso, entretanto.

10 *Lastrado*: fundamentado, embasado.

11 *Léxico*: conjunto de vocábulos de um idioma.

12 *Anoso*: que tem muitos anos, velho.

13 *Titular*: pessoa que tem título de nobreza.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança¹⁴ vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortijas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós,¹⁵ com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas¹⁶ pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhinhos desiludidos.

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão,¹⁷ tomando veneravelmente o simonte de antanho,¹⁸ foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de agosto,¹⁹ de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

14 *Pujança*: grande força, vigor.

15 *Bandó*: em certo penteado feminino, o cabelo que fica de cada lado da testa.

16 *Enfunado*: cheio, inflado.

17 *Lenço de alcobaça*: lenço grande de algodão, em geral vermelho, usado sobretudo por quem cheira rapé.

18 *Simonte de antanho*: fumo de antigamente; rapé.

19 *Agosto*: respeitável, elevado, sublime.

- Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?
- Não, sou de Canavieiras.
- Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo.
- Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.
- Onde fez os seus estudos?
- Em São Salvador.
- E onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

— E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele *basané*²⁰ podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

— Bem, fez o meu amigo, continua.

— O velho, emendei eu, ouviu-me. atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

— Então está disposto a ensinar-me javanês?

— A resposta saiu-me sem querer: — Pois não.

— O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

— Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos

20 *Basané*: (francês: pronúncia: *basanê*) escuro, amarronzado.

muito fecundos...

— O que eu quero, meu caro senhor...?

— Castelo, adiantei eu.

— O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avó. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: "Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado²¹ que me deitou²² o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz." Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã²³ da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando

21 *Fado*: destino.

22 *Deitar*: atribuir.

23 *Talismã*: objeto mágico.

uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um *in-quarto*²⁴ antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio²⁵ à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço,²⁶ até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio²⁷ antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente²⁸ quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu Caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa única! Ele não se cansava de repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!”

24 *In-quarto*: livro em que cada folha, dobrada duas vezes, é composta de oito páginas, isto é, quatro de cada lado.

25 *Cartapácio*: livro grande e antigo; alfarrábio.

26 *Vasconço*: linguagem ininteligível, incompreensível.

27 *Alfarrábio*: livro antigo ou velho e de pouco préstimo, ou valioso por ser antigo.

28 *Diligente*: aplicado.

O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha a que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon.²⁹ Como ele ouvia aquelas bobagens! ...

Ficava extático,³⁰ como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuiu muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá³¹ malaio. E êsse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo.³² — “Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!” Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

29 *Crônicon*: grande crônica (livro de histórias) medieval.

30 *Extático*: em estado de êxtase, encantado, maravilhado.

31 *Patuá*: o mesmo que patoá, dialeto.

32 *Tagalo*: filipino ou semelhante a filipino.

O diretor chamou os chefes de secção: “Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!”

Os chefes de secção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque.³³ O senhor sabe?” Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o *pince-nez*³⁴ no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?” Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta sobre onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Lingüística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã³⁵ no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas.

33 *Canaque*: língua das ilhas Sanduíche (Oceânia), possessão dos E. U. A.

34 *Pince-nez*: (francês; pronúncia: *péns-nê*) óculos sem haste que uma mola prende no nariz. Forma aporuguesada: *pincenê*.

35 *Afã*: vontade, entusiasmo.

Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que sabe javanês.” Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio*, um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

— Corno, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o, entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês — uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na secção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bâle* o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela secção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano-brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o

javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do *Mensageiro de Bâle*, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom Barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da República, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

— É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

— Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

— Quê?

— Bacteriologista eminente. Vamos?

— Vamos.

Gazeta da Tarde, Rio, 20/4/1911,
in Contos e Novelas, Garnier, Rio, 1990.